

Estado de Goiás
Polícia Militar
Academia de Polícia Militar
Divisão de Ensino

Degradação Moral na Polícia Militar Causas, Efeitos e Possíveis Soluções

Magnoel Fernandes Coelho de Sousa -CAP PMGO

Valdemir Sotero da Silva -CAP PMAC

Trabalho Técnico Profissional

Goiânia, 1997



**DEGRADAÇÃO MORAL NA POLÍCIA MILITAR: CAUSAS,
EFEITOS E POSSÍVEIS SOLUÇÕES**

Estado de Goiás
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR
BIBLIOTECA



ESTADO DE GOIÁS
POLÍCIA MILITAR
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR
CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

*dados
junho 2003*

**DEGRADAÇÃO MORAL NA POLÍCIA MILITAR: CAUSAS,
EFEITOS E POSSÍVEIS SOLUÇÕES**

Monografia
apresentada à Academia de
Polícia Militar de Goiás,
como parte das exigências
curriculares para conclusão
do Curso de Aperfeiçoamento
de Oficiais.

GOIÂNIA - 1997



**DEGRADAÇÃO MORAL NA POLÍCIA MILITAR: CAUSAS,
EFEITOS E POSSÍVEIS SOLUÇÕES**

APROVADA EM 25 DE AGOSTO DE 1997

CEL. PM RR RUBENS DE OLIVEIRA MACHADO
ORIENTADOR

PRESIDENTE

MEMBRO

MEMBRO



DEDICATÓRIA

*Dedico esta monografia à
minha querida esposa Nilce Pires
de Almeida Fernandes e aos meus
filhos Magnoel e Rafael, que
foram os grandes motivadores para
o meu aprimoramento profissional.*

Cap Magnoel

*Quero dedicar esta
monografia à minha querida
esposa, Fátima Araújo, que
sempre esteve ao meu lado em
todos os momentos e que em muito
contribuiu para a realização deste
trabalho. Meu reconhecimento.*

Cap Sotero



AGRADECIMENTOS

À insigne Cel PM R/R Rubens de Oliveira Machado, pela especial deferência ao dispor de seu precioso tempo para orientar-nos no desenvolvimento do presente Trabalho Técnico Científico, nosso reconhecimento e agradecimento.

À Ilm^ª Senhora Nancy, querida Mestre, pelos ensinamentos em sala de aula e extra-sala, que tornaram possível a elaboração metodológica do nosso trabalho. Nosso muito obrigado.

Às Ilustres Psicólogas Eleni Vitória Machado e Simone Inês M. Santos pelo apoio e incentivo que nos proporcionaram para a realização da presente obra.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a elaboração desta monografia. Em especial ao Cap PM Sívio Benedito Alves.



POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE GOIÁS
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	009
PARTE I - CAUSAS DA DEGRADAÇÃO.....	014
CAPÍTULO I - A POLÍCIA MILITAR E A MÍDIA.....	015
CAPÍTULO II - A PM E CONTRUIÇÃO PARA A DEGRADAÇÃO..	023
CAPÍTULO III - CRISE SÓCIO-ECONÔMICA.....	041
CAPÍTULO IV - DECÍNIO DOS VALORES ÉTICOS E MORAIS.....	046
CAPÍTULO V - DEFICIÊNCIA NO PROCESSO DE RECRUTAMEN- TO E SELEÇÃO.....	054
PARTE II - EFEITOS DA DEGRADAÇÃO.....	066
CAPÍTULO VI - STRESS.....	067
CAPÍTULO VII - ALCOOLISMO.....	073
CAPÍTULO VIII - VIOLÊNCIA POLICIAL.....	077
PARTE III - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	080
PARTE IV - CONCLUSÃO.....	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	107
ANEXO.....	112



*Se o Senhor não edificar a casa,
em vão trabalham os que a edificam,
se o Senhor não guardar a cidade,
em vão vigia a sentinela.*

Salmo: 137.



POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE GOIÁS

ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR

INTRODUÇÃO

A Polícia Militar de Goiás - PMGO - tem como missão institucional a preservação da Ordem Pública e o exercício da Polícia Ostensiva em todo o território goiano.

Exercendo suas atribuições básicas, a Corporação tem contato direto com a sociedade, que é a beneficiária dos seus serviços.

É através desses contatos que a PMGO procura adaptar-se ao macroambiente por meio de uma postura adequada ao momento histórico, buscando dar a maior transparência aos seus atos.

Esta adaptação ao ambiente externo é extremamente relevante, pois a Corporação, face à velocidade e profundidade das mudanças sociais, tem encontrado dificuldades para produzir mudanças institucionais adaptativas na velocidade necessária.

Seu desempenho, junto à população, é que determinará a satisfação ou insatisfação da sociedade pela prestação dos serviços.



Assim, a opinião pública não será favorável quando policiais militares cometerem atos de comportamento desviado, exatamente por que são eles os guardiões, dos quais a sociedade espera um comportamento ético e moral exemplar.

O nosso Policial Militar é um indivíduo conjuntural, inserido na sociedade brasileira, vivendo num complexo de satisfações e frustrações, de afirmações e negações, de ansiedades e realizações. Em decorrência de sua especialidade de trabalho, é um profissional de decisões, carregando consigo a difícil atribuição de, a cada instante, ser enérgico e calmo, popular e respeitado, delicado e forte.

A ocorrência do desvio de conduta de Policiais Militares, qualquer que seja a tipicidade, chama a atenção de toda a sociedade e, em muitos casos, choca a opinião pública, além de ser amplamente explorada pela imprensa, que usa formas sensacionalistas na divulgação dos fatos.

Ao cometer o ato desviante (aqui empregado no sentido de desvio de conduta) o Policial Militar transfere à sociedade toda uma sensação de ameaça, agressão, insegurança e, principalmente, de descrença.

O fenômeno da conduta desviada cria na sociedade uma percepção de que o Policial Militar é um criminoso, cuja tendência se encontrava adormecida, aguardando a oportunidade para aflorar. No



afloramento do desvio, a imprensa dá muita ênfase aos eventos em que os Policiais Militares são agentes da ocorrência, de repercussão negativa à imagem da Corporação, como se o PM fosse uma entidade supra-segmental capaz de sobreviver imune aos contágios de uma realidade minada e com uma ampla degradação de valores.

Por outro lado, procuramos considerar, neste contexto, os instrumentos de controle da Corporação que ou ficaram obsoletos ou estão insuficientes para garantir a saúde da organização, ou seja, não estão possibilitando que a instituição funcione com eficiência e eficácia.

Que fatores estariam contribuindo, expressamente, para que Policiais Militares tenham uma conduta desviada? Qual é o seu significado? Quais são os reflexos desta anomalia na PMGO? Sobre estas indagações temos algumas hipóteses das prováveis causas e efeitos, que serão trabalhadas ao longo do presente texto.

Prováveis Causas

Crise social e econômica

Declínio dos valores éticos e morais

Deficiência no processo de recrutamento e seleção

Prováveis Efeitos

- Descrédito da imagem da Corporação junto a sociedade.



- Violência Policial.
- Corrupção.
- Stress.

O tema: Degradação Moral na Polícia Militar - Causas, Efeitos e Possíveis Soluções tem suas palavras-chave nos termos degradação e moral, como bem define Aurélio Buarque de Holanda, **degradar** significa atenuar ou diminuir gradualmente; **moral** é um conjunto de regras de conduta consideradas como válidas, quer seja de modo absoluto para qualquer tempo e lugar, quer seja para grupo ou pessoa determinada. Fazendo uma junção das duas definições veremos que **degradação moral é a diminuição gradativa de um conjunto de regras de condutas consideradas como válidas**, ou, segundo a concepção proposta neste escrito, é o enfraquecimento dos reflexos dessas regras e princípios na conduta do Policial Militar em situações diversas.

Metodologia, destaque de materiais

Foram catalogados diversos livros, folhetos educativos, revistas e suplementos estatísticos, dentre outras formas de publicação escrita, tais como, processos em tramitação na Auditoria da Justiça Militar, Corregedoria PM, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que contêm material sobre o assunto em estudo. A



experiência profissional dos autores também serviu de suporte para o estudo da problemática em tela e, ainda, foi desenvolvida uma pesquisa aplicada que indicou resultados quantitativos, qualitativos e descritivos.

A pesquisa foi desdobrada em duas fases distintas: a primeira constou da coleta e leitura do material bibliográfico junto a algumas instituições, dentre as quais ressaltamos a Biblioteca Central da UFG, a APMMG e a APMBB, a segunda constou da elaboração de um questionário, específico para os ex-policiais militares que cumprem pena no Batalhão Anhanguera.

O objetivo geral deste trabalho técnico-profissional é o de oferecer subsídios a PMGO, Instituição que é diretamente afetada pelo desvio de conduta de seus militares, especialmente o desvio criminoso, que é um fator modificador da opinião pública. A expectativa dos autores é a de, através deste trabalho, conhecer com minudências causas e efeitos, e avaliá-los na tentativa de apontar alternativas que minimizem esse tipo de degradação na Polícia Militar.

PARTE

I

CAUSAS DA DEGRADAÇÃO MORAL

CAPÍTULO I - SITUAÇÃO ATUAL DA POLÍCIA MILITAR

CAPÍTULO II - EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

CAPÍTULO III - CRISE SÓCIO-ECONÔMICA

CAPÍTULO IV - DECLÍNIO DOS VALORES ÉTICOS E MORAIS

CAPÍTULO V - DEFICIÊNCIA NO PROCESSO DE
RECRUTAMENTO E SELEÇÃO



CAPÍTULO I

Estado de Goiás
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR
BIBLIOTECA



POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE GOIÁS

ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR

A POLÍCIA MILITAR E A MÍDIA

Na natureza, todos os animais lutam entre si. Cada espécie de animal tem uma maneira peculiar de lutar, ou seja, um ritual de luta, independente do continente onde esteja. Na maioria das lutas entre os animais da mesma espécie, os ferimentos não são graves, não há utilização de armas e o confronto cessa assim que um dos oponentes mostra sinais de rendição.

Sendo o homem um animal racional, esperava-se que partisse dele todas as normas de convivência em harmonia, porém o que se vê é que ele utiliza a violência como argumento final.

Desde a criação do homem, temos notícia de sua violência contra o seu semelhante. Esta violência é inerente à natureza humana. Diariamente, o que sobressai na imprensa falada, escrita e televisiva, são as notícias de roubos, assaltos, assassinatos, estupros,



seqüestros, atentados, extinção de animais e agressão ao meio ambiente.

Para Freud todos os indivíduos têm dentro de si forças pulsionais de natureza oposta, as quais denominou de pulsões de vida e morte (amor e ódio). Portanto, todos temos dentro de nós a capacidade inata de amar, como também para odiar e agredir, com a qual temos que lidar continuamente. O ódio é representado às vezes de maneira sutil e disfarçada e outras vezes de modo violento e escancarado.

É necessário que os indivíduos conheçam melhor suas manifestações e canalizem sua agressividade para objetivos mais aceitáveis. Tal aprendizado depende muito do exemplo da família, da sociedade, do governo, dos meios de comunicação, etc.

Hoje, inteligente e esperto é ser agressivo, truculento; é não levar desaforo pra casa. A bondade, a amizade, o companheirismo e a honestidade viraram sinônimo de burrice, de fragilidade, na sociedade houve uma inversão de valores.

Quase todas as Polícias Militares, estão vivendo hoje um momento crítico e degradante, devido ao envolvimento de seus integrantes em corrupção, espancamentos, torturas, humilhações e assassinatos tornando-se desta forma alvo de manchetes nos principais jornais, rádios e canais de televisão, com notícias de fatos



criminosos dos mais variados possíveis, envolvendo seus integrantes, nos diversos escalões. A cada dia o cidadão depara-se com manchetes que denunciam o envolvimento de Policiais Militares em escândalos que vão desde furtos até homicídios, dentre os quais podemos destacar: caso diadema, caso água branca, caso boliviano, estupro envolvendo um capitão da Polícia Militar.

DIADEMA, A JUSTIÇA ANDA

A decisão de mandar a Tribunal do Júri os PMs apontados como responsáveis pelo chamado caso Diadema (o assassinato do conferente Mário José Josino e tortura de várias outras pessoas) responde aos anseios da opinião pública contra os desmandos cometidos pelos que deveriam ser agentes da ordem.

É animador que, num país em que as medidas práticas contra a violação dos direitos humanos vão da timidez à inoperância, policiais que, segundo apontam as circunstâncias, agiram de forma delituosa sejam julgados rapidamente. Esse rigor e celeridade infelizmente não foram observados em outros episódios igualmente graves como o Carandiru. Infelizmente, esse grau de empenho não tem sido verificado na esfera do Executivo estadual, que teve, desde o início do mandato, a oportunidade de fazer uma reforma profunda na



polícia. Ainda que o governo Covas tenha conseguido diminuir o número de homicídios cometidos pela PM, a falta de uma alteração estrutural permitiu que os vícios antigos da corporação se manifestassem em episódios como o de Diadema. Nesse caso, observaram-se insubordinação e leniência em relação aos abusos denunciados, sinal de que a alta hierarquia da PM ainda não se conscientizou do papel da polícia numa democracia.

Cabe lembrar que mesmo uma alta autoridade da corporação, que participou do governo de Covas, declarou que a PM simplesmente não pode ser controlada. Vencer a impunidade e o corporativismo policiais cada vez mais evidentes no país é uma tarefa que cabe a todos os poderes da República, e em todas as suas esferas. A leniência de um pode comprometer a seriedade de outro; e tudo ficará como está.

CHACINA DA ÁGUA BRANCA

Na noite do dia 30 de agosto de 1993, os mendigos Guilherme Feliciano de Souza, Geraldo Antonio da Silva e Françoise Ramalho Feliciano, estavam dormindo sob uma marquise na Praça Cívica, foram pegos pelo Cabo José Barbosa Alves Irmão e pelos



Praças Walderson Santos Oliveira e Cláudio Nunes da Costa, integrantes da PM-2.

Os mendigos foram algemados, colocados dentro do porta-malas de uma viatura sem identificação, levados para o Conjunto Água Branca e fuzilados. Guilherme Feliciano de Souza e Geraldo Antonio da Silva morreram e Françoise Ramalho Feliciano escapou porque fingiu-se de morto. (O Popular - 06/04/97).

CASO GOITIA

Desacato à autoridade foi a justificativa do Sargento Marcos Luiz Duarte Quaresma e dos Soldados Lélis de Souza Silva e Gilson Roberto dos Santos Oliveira para o assassinato do Boliviano Jorge Alberto Goitia Claros, aos 24 anos. Ele morreu em virtude de traumatismo crânio-encefálico, no dia 19 de abril de 1993, na Clínica Santa Mônica.

Segundo a versão dos Policiais, o Boliviano, que residia no Condomínio das Gaivotas, no Setor Bela Vista, estava deitado sobre o volante de um passat, estacionado na esquina da Av. T-63 com a Av. 85 às 08:30 horas de sábado. Avisados, foram ver o que ocorria.



Goitia seguiu os PMs para sua residência e lá, disseram os Policiais, o rapaz começou a agredi-los. O pai de Goitia desceu com os documentos. Foi aí que os PMs decidiram prender o Boliviano por **desacato à autoridade**. Algemado, Goitia foi conduzido ao 8º Distrito Policial, onde os plantonistas se negaram a registrar a ocorrência.

O traumatismo, de acordo com os criminosos, resultou de um tombo que Goitia levou na Delegacia e teria batido a testa no chão, embora a calça que vestia estivesse totalmente rasgada. O jovem foi fortemente espancado na cabeça.

MENOR FOI OBRIGADO A ENGOLIR BRINCOS

O estudante Bruno Pires, 15 anos, teve a sua festa de aniversário interrompida por PM. Durante os festejos de aniversário do menor teria surgido três viaturas da Polícia Militar, ligadas ao 7º BPM, Jardim Europa. Os Policiais já desceram e foram logo abordando cerca de 20 estudantes que estavam em volta de Bruno Pires. Um dos Policiais teria dado vários chutes e murros no estudante que causaram diversos ematomas na cabeça, perna direita e região lombar. Além do espancamento, Bruno teria sido obrigado pelos Policiais a tirar três brincos de argola da orelha e amedrontado jogou-os fora. A cena de maior impacto que teria sido assistida pelos estudantes aconteceu quando o Policial que deu os chutes pegou os brincos, junto com terra



e o fez engolir. Constrangido e temendo ser morto, Bruno Pires acabou obedecendo a ordem dos Policiais Militares, sendo que ao tentar resistir a engolir os brincos ele acabou levando alguns tapas no rosto e foi ameaçado de ser amarrado e posteriormente arrastado pela viatura policial. Os PMs só deixaram o local quando cansaram de agredir física e psicologicamente o rapaz. (Diário da Manhã, Goiânia 01/03/97).

Há, ainda, ocorrências, em proporções preocupantes, de atos de corrupção que se estendem desde a aceitação de pequenas propinas até a deslizes de maior vulto e monta, cujos registros se amontoam na Corregedoria e nas 2ª Seções dos mais diferentes Quartéis e cuja publicidade nem sempre é veiculada na imprensa; contudo, não é, em nada menos atentatória a saúde organizacional, do que as descritas com destaque neste trabalho.



CAPÍTULO II



POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE GOIÁS
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR

A PM E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A DEGRADAÇÃO

Ao ingressar na Polícia Militar do Estado de Goiás, prometo regular minha conduta pelos preceitos da moral, cumprir rigorosamente as ordens das autoridades a que estiver subordinado e dedicar-me inteiramente ao serviço policial militar, à manutenção da ordem pública e à segurança da comunidade, mesmo com o risco da própria vida.

*Lei n° 8.033,
02/12/75*

Tomando como norte verdadeiro o juramento que o policial militar faz perante a bandeira do Brasil, quando da mobilização ou na conclusão de um curso, é preciso reconhecer neste ato a exigência de um grande compromisso, cuja sustentação durante a sua



carreira só será possível com fundamento na plena observância dos primados da fidelidade, virtude disponível somente a pessoa humana íntegra, cônica de seus deveres de cidadão e do importante significado de sua missão como profissional. A efetividade dessa virtude do caráter Policial Militar exige como contrapartida que a instituição propicie ao seu novo integrante um ambiente de trabalho digno e incentivador, adequado ao desenvolvimento de um equilíbrio emocional depurado, visceralmente aliado a prestação de um mínimo de condições de sobrevivência individual e familiar, capaz de convencê-lo a dedicar-se com exclusividade ao serviço policial militar, “mesmo com o sacrifício da própria vida”.

Quando se contextualiza a realidade do policial militar, estabelecendo-se paralelos com o ideal vislumbrado nas considerações feitas, torna-se chocante para qualquer observador idôneo a constatação de que, na prática, a polícia militar se recolhe ao seu significado de entidade abstrata e se “fecha em copas”, como soberana absolutista, cujo despotismo invade as raias da ironia, quando impõe aos seus integrantes virtudes excepcionais e os abandona ao domínio de múltiplas necessidades até mesmo de nutrição, e ao convívio com a sociedade marginal assentada nas regiões periféricas das urbes.



A cidadania é parte da educação militar e, como tal, de interesse vital para a disciplina consciente. Importa ao superior tratar os subordinados, em geral, e os recrutas, em particular, com urbanidade e justiça, interessando-se pelos seus problemas(...).

RDPN90.

Requer destaque também a desgastada relação superior subordinado e mesmo a existente entre pares, que a cada dia mais se afasta do sábio mandamento “tratar os subordinados com urbanidade e justiça”, que seqüestra ao policial militar a índole corporativista, ou melhor, o espírito de corpo que ao longo da história miliciana no Brasil tem respondido pela boa disciplina no ambiente da caserna e por uma conduta profissional quase sempre admirada pela opinião pública.

A coesão, enfim, como a catalisadora das energias de um determinado grupo tem sido, e será sempre, um agente multiplicador do equilíbrio de forças dentro de uma organização. O decantado espírito-de-corpo, cuja exaltação dentro da caserna sempre aglutinou a tropa como na máxima “um por todos e todos por um”, nada mais é do que a coesão operacionalizada. Segundo os estudiosos dos



mecanismos que sustentam as relações interpessoais num grupo de homens, se a coesão falha o grupo se fragmenta, e a força fragmentada não subsiste, pois a noção de objetivos comuns e de forças concentradas em um sentido único ausenta-se do contexto grupal, como que num passe de mágica e, conseqüentemente, os integrantes do grupo passam a valorizar o interesse individual, em detrimento das aspirações coletivas, oportunizando situações típicas do estado de necessidade preconizada no direito, onde a palavra de ordem reduz-se ao “salve-se quem poder”.

Que fundamentos levaria o observador perspicaz a considerar o ambiente na Polícia Militar do Estado de Goiás como uma realidade em franca fragmentação?

Como destaque, urge reconhecer que a disciplina tem priorizado a punição como instrumento de controle da conduta do PM no exercício de sua profissão, quando a teoria comportamentalista deixa à disposição do disciplinador o recurso do princípio resposta-reforço do comportamento operante, facilmente aplicável com a adoção de um sistema de recompensas bem definido, premiando-se os serviços relevantes sem partidarismo, sem parcialidades e de forma sistemática.

A própria concessão de medalhas por tempo de serviço, que é a mais elementar das comendas adotadas na PMGO, não tem



vido adequadamente valorizada em sua importância, como incentivo, como reforço a boa conduta, se considerarmos que sua concessão vem ocorrendo somente quando interessa aos propósitos particulares de um determinado comando, e é quase sempre praticada visando a incrementar o brilhantismo do cerimonial militar de uma solenidade, numa praxe geralmente alheia a sua grande finalidade como instrumento motivador, implicitado no real significado do agradecimento.

O critério da indicação dos Policiais Militares de excepcional comportamento para cursos visando à ascensão hierárquica tem sido bastante debatido entre os interessados, devido a indignação que permeia a incredulidade da caserna: seriam os homens de comportamento excepcional, os que realmente mais contribuíram para o bom cumprimento da missão policial militar? Ou seriam, na verdade, os que preservam esta magnitude de conduta, em sua grande maioria apenas beneficiários da sombra dos gabinetes, do status de “ordenanças” e da calma da atividade meio, situações em que quase nunca o equilíbrio emocional é testado?

O que parece um incentivo, na realidade da PM Goiana pode, sem dúvida, estar gerando tensões, mercê da indignação de muitos que se acreditam merecedores de uma chance ascensional facilitada como esta, mas que, pela determinação no engajamento incondicional, a real atividade policial militar perderam a imunidade ao



corretivo disciplinar. Falta em muitos casos um quadro bem definido daquilo que deve ser feito para o alcance de uma recompensa, ou do que deve ser evitado para não ser punido em termos práticos.

Nem todas as inconveniências que afloram no ambiente da caserna afetam a conduta do PM, contribuindo para sua degeneração em atitude antisocial e mesmo criminosa, serão arroladas neste escrito, cabe lembrar, no entanto, que a inversão de valores no tratamento dado ao profissional, de praças a oficiais, com relação aos seus méritos, tem parecido uma verdadeira cruzada, em favor do desestímulo à carreira. Basta citar o cenário das promoções dentro dos quadros de pessoal, onde o exercício de funções privilegiadas em gabinetes e assessorias geralmente tem suplantado a importância do labor vigilante e insone da atividade-fim. Frustrado quanto a insignificância do valor de sua real condição de combatente, o profissional preterido, pode se arremeter a um processo de neurose, semelhante à sugerida por Pavlov no seu famoso experimento com proveito da teoria do reflexo condicionado, onde um cão num primeiro momento, ao mesmo tempo que recebia uma porção de carne, acionava-se uma campainha, repetindo-se a operação inúmeras vezes; num segundo passo, a campainha era acionada, ora para dar o alimento, ora para impor-lhe um castigo; ao final da experiência, este



cientista percebeu que o cão entrava em um estado de neurose, que ele chamou de neurose experimental.

A citação deste embasamento da psicologia “Behaviorista”, pretende sugerir que sem critérios claros, praticáveis e imunes aos males da discriminação, dificilmente o policial militar exerceria sua profissão mantendo suas emoções em perfeito equilíbrio.

Tomando-se como exemplo as distorções comentadas, que poluem o cotidiano da corporação, como impedir a fragmentação? Ou numa conotação positiva, como manter a coesão? A verdade é a que já foi dita, há uma tendência divisionista, onde, como no “cabo-de-guerra” forças se agitam em direções opostas e concorrentes, produzindo no mínimo um efeito “esteira”, que obstrui qualquer possibilidade de avanço da instituição, presa ao anátema de que “um reino dividido em si mesmo degladiando-se internamente” não subsiste.

A INFLUÊNCIA DO AMBIENTE

A personalidade humana se consolida, segundo a teoria Freudiana, pelos 5 anos de idade e a partir daí, no que respeita a um certo padrão de reações, face aos confrontos com a vida e com os outros, não há muito o que possa ser modificado. Em situações de teste o comando das reações de um determinado indivíduo estará



vinculado a um conjunto de experiências educativas boas ou más, desagradáveis ou agradáveis, agressivas ou brandas, que torna bastante previsível a um observador atento e engajado, sua conduta em meio a uma crise qualquer. Há naturalmente outras teorias relativas a pronta definição da personalidade do homem, menos restritivas do que a notabilizada por Freud, chegando alguns ao extremo de defender que a estruturação da personalidade não se conclui num determinado compartimento da cronologia do desenvolvimento humano. Antes, porém, reconhecem-na como um fenômeno que ganha força no curso de toda experiência vital do indivíduo.

Esta abordagem obviamente não pretende desenvolver um tratado sobre a personalidade alcançando maiores amplitudes de seus pressupostos, e sim reconhecer, fulcrado em bases científicas, a forte sensibilidade do indivíduo em absorver influências do meio ambiente que, em determinadas circunstâncias e intensa pressão pode levá-lo a ser reconhecido como produto do meio, como preconiza Rousseau, **o homem nasce bom e a sociedade o corrompe**.

Tendo tais evidências como referencial, pretende-se demonstrar que o universo das relações interpessoais na vida da caserna vem recebendo ultimamente uma sobrecarga enorme de tensões. Isto mantém o PM desde o seu recrutamento em constante



sobressalto, acuado em sua auto-estima, mercê da intervenção de instrutores e superiores, no mais das vezes, pouco qualificados, para lidar com a lapidação do profissional modelar, injetando assim no caráter policial militar o sentimento de menosvalia e de recalques o que, somado a outros significativos fatores, pode arrastá-lo a prática de atos inomináveis sempre que ausente o braço punitivo de seus comandantes.

A grande maioria do contingente, vale destacar, no entanto, por contar com um superego mais forte, conseqüência de uma educação de berço bastante acendrada, consegue reprimir os fortes apelos aos desvios de conduta, e manter-se de forma aparentemente equilibrada no curso da vida profissional. Há alguns que favorecidos por contingências ou predileções, à sombra de gabinetes e da atividade-meio e de outras tarefas não tabuladas como operacionais, que, também, preservam o equilíbrio esperado de um guardião da lei.

Vivendo em meio a incertezas, quanto ao amanhã de sua carreira e também quanto ao próximo momento, o dia-a-dia do PM é um constante sobressalto. Ao deixar o recesso do seu lar, deslocando-se para seu quartel, nem sempre se sente seguro do tempo da volta, pois a simples alteração de humor do seu superior poderá privá-lo do sagrado direito de ir e vir, num processo de sentencição sumária, que quase nunca leva em conta que a sua ausência inesperada do



convívio com seus familiares, pais, esposa, filhos, intervém nas necessidades afetivo-sociais dele e de sua família, provocando danos no equilíbrio de suas emoções, muitas vezes detectados apenas a nível inconsciente, mas que reprimem impulsos deletérios capazes de a qualquer momento, provocar desvios de conduta imprevisíveis e alarmantes.

Um conservador radical rejeitaria de plano este argumento por entender que não se pode tolerar determinados melindres em um indivíduo integrante do seletivo grupo de homens “superiores ao tempo”. No entanto, esta imagem de super-homem que a própria organização impõe ao Policial Militar, muitas vezes, repassa-lhe um ônus pesado em demasia, pois cria no recôndito de suas forças interiores a falsa idéia de se ver possuído de uma força descomunal, apenas pelo fato de vestir uma farda. Tomado dessa sensação de poder o PM em alguns casos tem praticado excessos no exercício de sua profissão e mesmo na vida social, instigado pela necessidade emergente de tudo isso, de jamais demonstrar fraqueza. A defesa dessa imunidade ao temor pode gerar tensões no espírito do profissional, e não seria falacioso reconhecer nesse fenômeno uma vertente de desvios de conduta, na vida do integrante de nossa instituição.



Nenhum mecanismo de controle de conduta, na vida social contemporânea, produz mais efeitos do que o exemplo, até porque o acesso aos livros, cursos, as conferências, é um privilégio de poucos, devido a luta desenfreada e desigual pela sobrevivência imposta ao cidadão comum. Quando contingencialmente se vê alcançado pelas informações veiculadas nesses canais falta-lhe tempo para meditar nas orientações divulgadas. Daí a proverbial constatação de que “as palavras convencem mas o exemplo arrasta”.

O exemplo na sua forma aceitável e na sua concepção magnetizante tem sido escasso no seio da Corporação. É público e notório, pelo menos sob o prisma doméstico que muitos oficiais e sargentos têm deixado muito a desejar como líderes, como gerentes eficazes e respeitáveis. Alguns se revelam desonestos e muitas vezes, excedem nessa conduta de tal forma, que são capazes de fazer do seu subordinado um cúmplice. Outros agressivos e violentos, quando intervêm numa ocorrência praticam excessos às vistas de seus imediatos, que se sentem autorizados a espancar, a extorquir, a violentar e a matar; inspirados em situações semelhantes e numa postura muitas vezes até exibicionista de seus superiores.

Quanto ao magnetismo do exemplo como referencial de conduta para os segmentos subordinados, cabe incluir neste trabalho escrito a quisa de ilustração, fato real ocorrido na Polícia Militar de



Minas Gerais, narrado aqui com a omissão de nomes e outras particularidades, embora proceda de fonte seguramente idônea. “A par da conduta desonesta de um determinado sargento em um certo batalhão (evidência inferida do excelente padrão econômico-financeiro ostentado pelo PM e da comprovada inexistência de outras fontes, ou mesmo herança recente que pudessem justificar sua vida excessivamente bonançosa) o novo comandante daquela unidade assumira, como missão extra, desvendar o mistério daquele caso de enriquecimento ilícito. Um ano depois, não obstante haver o comando deflagrado inúmeras diligências de cunho investigatório, averiguações e campanhas, nada, nem um menor indício de atitude comprometedor foi constatado. Incrédulo, aquele comando decidiu por entrevistar o suspeito reservadamente em seu gabinete, onde se estabeleceu o seguinte diálogo: - sargento, tenho procurado de todas as formas flagrá-lo em práticas desonestas e não tenho obtido êxito, embora isso não abale a minha convicção de que a origem de seus bens seja desonrosa”. - Assegurando-lhe que esta conversa ficará estritamente entre nós dois e não implicará em qualquer tipo de sanção a você, eu gostaria de saber por que, nesse período do meu comando, nada foi constatado que desabone a sua conduta? Ao que o sargento respondeu: acontece que antes do senhor, como os outros comandantes agiam desonestamente eu me sentia seguro para levar



as minhas vantagens, pois não havia riscos a temer, agora como o seu comando tem primado pela honestidade a conduta mais segura é imitá-lo.

É preocupante reconhecer que este quadro, para alguns ufanistas uma abstração, produção de um imaginário fantasioso, tende ao agravamento, pois a comunidade miliciana, aqui e alhures, cada vez mais abandonada a sua própria sorte pelo estado negligente, começa a se tornar um ambiente de promiscuidade, onde a hierarquia se inviabiliza pois os níveis de pobreza dos segmentos mais ativos, Capitães, Tenentes e Praças, principalmente, começam a se igualar na escassez de recursos para sobrevivência. Se é verdade que a dor forma caráter, é também verdade que neste caso, o caráter produzido na unidade de dor edificada em nosso meio pode facilitar a prática de atos degradantes que afetem ainda mais, a já desgastada imagem da Polícia Militar.

MOVIMENTAÇÕES DE PESSOAL

Outra fonte originária de desajustes na conduta do PM são as movimentações internas, onde a transferência do homem no interesse do serviço, nem sempre leva em conta os interesses da sua família, nem os meios disponíveis para instalar-se em um novo domicílio, nem as possibilidades de fazer-se acompanhar de esposa e filhos.



Sob o prisma da relevância desses fatores, há casos em que, o impacto compulsório dessa transferência implica na completa desarticulação da vida do PM. O seu afastamento representa uma separação prolongada de seus filhos, de sua esposa, privando-o do calor de seu lar, do afeto de sua família.

O instituto da movimentação, que redunde em mudança de domicílio, praticado em completo alheamento ao interesse do transferido, reveste-se de um caráter arbitrário, capaz de gerar conseqüências irreparáveis na vida particular do homem e na provável dissolução de uma família.

É preciso reconhecer, que a questão da transferência no interesse do serviço, quando balizada em regulamento, apesar de não evitar a possibilidade dos prejuízos mencionados, ao menos, poupa ao PM o desconforto da imprevisibilidade.

O inconcebível, no entanto, dentro do cotidiano organizacional é a figura da transferência a bem da disciplina; de conteúdo eminentemente despótico, quase sempre implícita uma superposição de corretivos e revela a distilação do humor exaltado de um comandante altamente colérico. Adotar essa modalidade excepcional de movimentação resulta, invariavelmente, em danos trágicos ao homem e a sua família. Mesmo sobre a previsão



regimental, adotá-la será sempre uma exaltação aos requintes do absolutismo e a negação da família como valor a ser preservado.

RIGOR NA DISCIPLINA

O gerenciamento de pessoal, nas empresas de uma forma generalizada, particularizando-se a ênfase dada ao controle da disciplina, difere-se em muito dos rigores que campeiam o arbítrio dos quartéis. Com vistas a garantir a fiel observância das regras de conduta e de toda uma variedade de princípios éticos e morais, e, conseqüentemente, promover a otimização dos resultados esperados da atividade fim, a administração de pessoal nessa realidade, tem a seu dispor sanções humanamente compreensíveis, tais como advertência, multas pecuniárias, suspensão, demissão por justa causa e outras.

Soma-se ao sentido coercitivo dessas sanções disciplinares, a prática efetiva do incentivo e da recompensa, que, positivamente, exerce muito mais influência no rendimento profissional pretendido do que a força da punição. O notável para um observador diligente é que, agindo assim, sem ingerir no direito a plena liberdade da pessoa humana, as empresas prosperam e seus operários, salvo inexpressivas exceções, compartilham um ambiente de trabalho plenamente motivado.



A Polícia Militar continua se valendo dos institutos da prisão e da detenção, que consistem na privação da liberdade de ir e vir, geralmente resultante de ato sumário, e o mais grave, em alguns casos, aplicados para sustentar o parecer de uma única pessoa, de uma única autoridade, numa completa negação do princípio do contraditório, que credibiliza qualquer senso de justiça. O Policial Militar é, na verdade, um homem livre em regime semi-aberto ou em liberdade condicional, se considerarmos que, a menor inflição aos pressupostos do regulamento disciplinar poderá resultar no seu recolhimento ao âmbito interno dos quartéis, ou mesmo ao encarceramento, por tempo variado. Esta incômoda situação sugere o seguinte questionamento, pode-se esperar, em sã consciência, que um homem tratado, consideradas as devidas proporções, como se fosse um criminoso, pela simples transgressão a uma regra de conduta, venha a agir sempre com ponderação, urbanidade e estabilidade emocional no exercício de sua profissão? É pelo menos duvidoso que isso ocorra.

O rigor disciplinar adotado nas Polícias Militares, numa imitação fiel ao praticado no Exército, precisa ser repensado, a começar por rebuscar a história e constatar que a prática do encarceramento na vida militar tem o seu nascedouro na excepcionalidade da guerra, onde tudo parecia válido para

Estado de Goiás
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR
BIBLIOTECA



desestimular as deserções e garantir um moral elevado dos combatentes, quando o fragor da peleja sugeria o medo e a rendição. Nesse quadro, a obediência aos comandos e autoridades, não seria plenamente sustentável não fossem os fortes acenos da dureza das punições. Concluindo com lampejos de sabedoria que, em tempo de paz, a prisão, o cerceamento da liberdade de ir e vir, subsiste apenas pela natural resistência a mudanças, gerada muitas vezes pelo temor ao desconhecido, pela sensação de incompetência para lidar com o novo. Uma mudança profunda nesse quadro, urge ser feita e não se completará enquanto esta atmosfera poluída por resquícios de memória inquisitorial não for definitivamente banida da caserna



CAPÍTULO III



POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE GOIÁS

ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR

CRISE SÓCIO-ECONÔMICA

Entendemos como crise sócio-econômica como sendo resultado da incompetência do Estado, onde a pobreza não deixou de aumentar e de se tornar mais ardente, principalmente nas grandes concentrações urbanas e de maneira significativa nos países do terceiro mundo.

O órgão oficial de educação tem se mostrado impotente para combater a crescente evasão escolar e os índices de repetência. A saúde pública cai constantemente na qualidade de seus serviços, longas e intermináveis filas, pacientes morrendo nos corredores sem atendimento, e pouco se tem feito, no sentido de assegurar uma vida mais longa e saudável aos cidadãos.

A especulação imobiliária tem jogado a grande massa para zonas periféricas e os terrenos baldios, têm sido ocupados por



populações carentes. Crescem as favelas , cortiços, o subemprego, a criminalidade, a mendicância.

Uma grande parte da população não usufrui nenhum dos benefícios ou confortos trazidos com a expansão da produção. São pessoas que não completam os estudos, trabalham desde cedo em serviços braçais de baixa remuneração, não têm assistência médica nem trabalho regular; não desfrutam das redes de saneamento básico, não freqüentam teatros, cinemas, livrarias; não têm conta bancária, alimentam-se precariamente, existem como indigentes e só usam objetos de qualidade inferior ou de segunda mão que lhes chegam através de movimentos assistenciais.

A presença constante e crescente dessa massa de pobres, incomoda e constrange, porque demonstra a ineficiência da administração do Estado, do qual se espera tomada de medidas racionais; porque parece crescer a quantidade de pessoas excluídas do contingente de consumidores nacionais; porque se teme que essa população crescente se organize e aja politicamente contra um sistema que os marginaliza. Como exemplo deste situação, em recente reportagem transmitida pelo jornal nacional o Movimento dos Sem Terra (MST) procurava, via eleição, colocar seus líderes nas Assembléias Legislativas de várias capitais; porque se constitui num



evidente malogro do sistema de uma sociedade que se pressupõe orientada para o bem comum.

O desconcertante fenômeno do aumento da pobreza crônica, tem sido explicado como efeitos de atração dos centros urbanos sobre um setor agrário, também empobrecido. As taxas indicam que, cerca de 35% da população pobre dos centros urbanos é composta de migrantes.

Esse quadro é inquietante, não por mostrar que o setor agrário tende a expelir trabalhadores, pois parece ser uma característica do processo de industrialização e de racionalização do trabalho agrícola com o uso de máquinas e de mão-de-obra assalariada sazonal. Ela é inquietante porque mostra que o decréscimo de utilização da mão-de-obra no setor agrário não corresponde proporcionalmente ao aproveitamento dessa mesma mão-de-obra na indústria. Logo, qualquer cidadão conclui que mais gente passa a depender dos serviços municipais e de uma expansão da produção.

O aumento dessa população composta de pessoas sem qualquer rendimento não permite a possibilidade de fazer aumentar a demanda de produtos.

A percepção de incompetência do sistema econômico e político se soma ao desconforto de se saber que, nos grandes centros,



milhares de pessoas não se encontram sob a vigilância das instituições sociais, vivem como podem, à deriva e à revelia dos planejamentos oficiais. Cria-se em relação a essa população um sentimento de desconfiança e de insegurança. A relação que se estabelece entre seu crescimento e o aumento da criminalidade nos centros urbanos vai do censo comum ao estudo científico.

O perfil social dos criminosos também ajuda a reforçar essa associação entre pobreza e criminalidade, os autores dos crimes, na sua maioria, são denunciados como pessoas geralmente analfabetas, trabalhadores braçais e predominantemente de cor negra.

Essa população pobre, carente e subempregada, sendo semi-qualificada ou sem qualificação nenhuma, está sempre pronta a aceitar salários baixos em troca de uma situação regular e um rendimento fixo. Esse subemprego não depende de uma incapacidade ou indisposição para com o trabalho, mas sim da inflexibilidade da lei de oferta de emprego.



CAPÍTULO IV



POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE GOIÁS

ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR

DECLÍNIO DOS VALORES ÉTICOS E MORAIS

ORIGEM ETIMOLÓGICA DO VOCÁBULO ÉTICA

A palavra ética teve origem na civilização grega, proveniente do vocábulo ÉTHOS, que, por sua vez, derivava de ÉTHOS. Cabe, portanto, buscar o significado deste étimo que, como todas as palavras, também foi evoluindo no transcurso do tempo. Pode-se, dessa maneira, atribuir-lhe três significados sucessivos e cronológicos.

Residência, morada, lugar onde se habita: Nos primórdios da civilização, a palavra foi preferencialmente aplicada pelos poetas em suas poesias, referindo-se aos lugares onde habitavam os animais, ou seja, aos seus habitat naturais. Por extensão, em consequência desse entendimento, o vocábulo passou a referir-se também à morada dos homens e dos povos.



Aquilo que o homem traz dentro de si: atitude psíquica entendida como postura interior em relação a si próprio, ao mundo e aos semelhantes. Percebe-se assim que a palavra evoluiu de um sentido puramente material para significado sublimado, passando a designar comportamento, atitude moral ou estado de espírito (morada interior).

Modo de ser, caráter: a partir de Aristóteles o vocábulo passa a ter este significado, sendo definitivamente integrado à filosofia, onde passa a ser utilizado por filósofos e moralistas, transmitindo-o e reproduzindo-o até os nossos dias, embora com variações e limitações.

O vocábulo ética, vai, no conceito de diversos autores, desde a filosofia moral até a ciência dos costumes, assim sendo vai ao encontro de um problema básico do ser humano, que seja a satisfação das aspirações morais, um dos principais objetivos das diversas atividades humanas.

ORIGEM ETIMOLÓGICA DO VOCÁBULO MORAL

A dificuldade dos romanos em traduzir o étimo ÉTHOS para o latim, fez surgir o vocábulo MOS que no latim significa costume e MORES, a sua forma no plural, COSTUMES, dando origem dessa



forma, à palavra MORAL como é conhecida hoje. Verifica-se, portanto, que a moral evoluiu, ao longo da história, a partir do étimo MORES e não do ÉTHOS que mais tarde deu origem a palavra grega ÉTHIKOS. Embora a forma atualizada grega ÉTHIKOS tenha encontrado posteriormente sua tradição para o latim como ÉTHICA, o vocábulo moral manteve seu radical próprio, diferenciando-se etimologicamente daquele, porém, caminhando paripasso no desenvolvimento sócio-histórico do homem.

Por isso que, atualmente fala-se muito em ética e moral como termos comuns, idênticos e até sinônimos, na análise da conduta e do comportamento humano. A maneira como a mídia explora essas duas palavras, naturalmente tem caráter generalizante e abrangente, não fazendo distinção alguma entre uma e outra, levando a opinião pública a dar o mesmo tratamento a ambas. Há que se ressaltar, porém que moral, independentemente da ética teve sua etimologia definida em costumes, embora posteriormente, esses mesmos costumes, venham a integrar o contexto conceitual de ética.

Constata-se que moral será sempre definida como um conjunto de normas ou regras adquiridas a partir da sedimentação dos hábitos do homem em sociedade, referindo-se, assim, ao comportamento adquirido ou modo de ser conquistado pelo homem, a moral impõe deveres ao homem para com Deus, para consigo mesmo



e para com seus semelhantes, tendo na própria consciência do homem a sanção dos seus atos.

A SOCIEDADE NOS DIAS ATUAIS

FAMÍLIA

A família é o alicerce das sociedades, pois é encontrada em todos os agrupamentos humanos e é onde se originam as relações primárias de parentesco.

As funções fundamentais da família são: Sexual, visa atender as necessidades sexuais permitidas por meio do casamento; Reprodução, visa a perpetuação da espécie através dos filhos; Econômica, visa garantir o sustento e a proteção da mãe e dos filhos; Educacional, é necessário a cooperação do pai e da mãe, arcando com a responsabilidade na educação dos filhos.

Cabe à família preparar a criança para seu ingresso na sociedade, transmitindo-lhe toda uma herança cultural e social. Essa preparação deve acontecer gradativamente no lar, onde é importante que os pais mantenham uma conduta reta, enaltecendo valores éticos e morais. É imprescindível que ocorra o diálogo e o aconselhamento aos filhos no caso de erros, ao contrário de um festival de espancamento. Além disso, os pais devem impor obrigações aos



filhos, que sejam adequadas a idade e incultar-lhes o senso de responsabilidade para com os estudos.

Ultimamente tem-se observado certas tendências comportamentais na família, como: a cada no número de casamentos oficiais; aumento no número de divórcios e separações; aumento no número de mulheres como chefes de família.

Alguns estudiosos, creditam à desestruturação familiar, boa parte da culpa pela crescente violência. Está faltando impor limites no contexto familiar. A mãe trabalha fora e se culpa por não ter tempo de dar atenção ao filho. O pai também se mantém mais afastado e ambos procuram compensar essa ausência com agrados materiais.

Motos, carros, roupas de marcas e viagens para Disney substituem um bom diálogo. Identifica-se hoje dois tipos de abandono. Primeiro: as crianças e adolescentes pobres são abandonados nas ruas. Segundo: os ricos, passam o dia diante das TVs, computadores, vídeo-games, shopping centers e nos mil cursos que são obrigados a fazer.

É necessário se reformular a relação familiar. Uma boa estratégia seria conversar, informar-se, participar ativamente da vida dos filhos, respeitando seus direitos e limites. O respeito pelo ser humano tem início dentro de casa.



EDUCAÇÃO

O papel da escola é formar as gerações futuras, não cabendo simplesmente o papel de transmitir acervo científico, mas, cabe-lhe também, ter a consciência de que transmite ainda, o acervo cultural, onde estão inseridas maneiras de viver e sentir dos grupos sociais. Por isso, em termos de currículo, hoje se aponta para uma escola que não vise só o vestibular, mas que atenda a uma educação integral do indivíduo, observando os aspectos cognitivos, afetivo e psicomotor.

Tem-se discutido e vivenciado a construção de uma reforma curricular, buscando a formação do homem enquanto ser completo. Além das disciplinas comuns, a escola deve enriquecer seu currículo com torneios, passeios, festivais, gincanas, teatro, artes, dança, música, etc.

Necessário se faz também incorporar ao currículo, os valores éticos de respeito pelo outro, de honestidade, de justiça e de fraternidade.

Os alunos devem conhecer também, a realidade social de seu país, sabendo criticar objetiva e construtivamente, e quem sabe até, contribuir na solução dos problemas de seu bairro. Não se esquecendo que a vocação do homem é a felicidade e que todos têm esse direito.



Nos dias atuais, valores como a honestidade, probidade, amizade, lealdade, integridade moral, boa educação são ridicularizados. Se perguntarmos a um jovem se ele prefere ser um homem honesto, mas pobre, ou um rico desonesto, ele responderá certamente a última alternativa.

É no meio de toda esta problemática social e econômica que o homem é criado, como pode os pais ensinarem a seus filhos o que é correto ou não, já que nesta sociedade não se tem escala de valores. Todos querem levar vantagem em tudo, ser bom, é ser malandro, esperto, trambiqueiro, onde a todo instante na telinha da TV, o que vemos é só ódio, falsidade, luxúria, roubalheira, desonestidade, e o que é pior, o bandido vence.

É neste ambiente que o jovem com seu caráter em formação é criado. A falência da autoridade dos pais, cria monstros, meninos que matam colegas, filhos que matam pais e avós por dinheiro, jovens que incendeiam mendigos. Estas são algumas das manchetes que são vistas todos os dias na imprensa.



CAPÍTULO V



POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE GOIÁS

ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR

DEFICIÊNCIA NO PROCESSO DE RECRUTAMENTO E SELEÇÃO

RECRUTAMENTO

Observando o mundo empresarial podemos perceber que as empresas se interrelacionam, integradas pelo meio ambiente, que é tudo que as envolve externamente, e é deste que o empresário retira e obtém recursos para seus produtos e serviços. Partindo do pressuposto de que o **Meio Ambiente** é vasto e complexo, atualmente utiliza-se o conceito de **Mercado** para definir uma parte desse meio ambiente, o qual se relaciona diretamente com a empresa. Daí a importância do conhecimento desse mercado de mão-de-obra e trabalho, para que a empresa possa alcançar seus objetivos, ou seja: recrutar, selecionar, formar, treinar, enfim produzir e ter lucros.

O recrutamento é uma das fases mais importantes para a administração de Recursos Humanos, pois este importa na ocupação



de um cargo que evidentemente possui responsabilidades e qualificações, e que só devem ser preenchidas pelos que a ele se adequem melhor. O preenchimento resulta em gasto e tempo para a empresa, e se mal coordenado, pode influir em perdas financeiras ou até de credibilidade perante o mercado de trabalho em que aquela empresa está inserida. Diante do já descrito, a partir de então, podemos partir para a conceituação do que venha a ser o recrutamento.

O termo recrutamento tem a sua origem na área militar: o recrutamento militar é a convocação obrigatória de todo cidadão que atinge determinada idade. Na vida empresarial, o recrutamento é também uma convocação, um convite, mas sem o comparecimento do candidato. Mais que isto, o recrutamento é um sistema de informações das empresas que constituem o mercado de trabalho e é destinado aos candidatos que povoam o mercado de mão-de-obra, para divulgar ofertas de emprego. Idalberto Chiavenato. Iniciação a Administração de Pessoal. p. 18.



O recrutamento constitui-se de procedimentos em que se procura localizar onde se encontram candidatos e se tenta atraí-los para a vaga; a seleção se constitui de procedimentos que visam a apurar, dentre os candidatos encontrados, quais os que têm qualidades adequadas e em que grau se apresentam. José Serson. Curso Básico de administração de Pessoal. p. 319.

Recrutamento é justamente isto: descoberta, atração, orientação e reorientação de pessoal qualificado que concorrerá as vagas na instituição ou empresa. Belmiro Siqueira. Elementos de administração 2^o ed p.71.



SELEÇÃO

A seleção de pessoal é uma comparação entre as qualificações de um candidato com as exigências do cargo, e é uma escolha dentre os candidatos comparados, daquele que apresentar as qualificações mais adequadas ao cargo vago. Idalberto Chiavennato. Iniciação à Administração de Pessoal. p. 29.

Enquanto o recrutamento é uma atividade convidativa e atraente, a seleção é uma atividade de escolha, ou seja, de aceitação ou de rejeição de um candidato. O recrutamento atrai candidatos, a seleção escolhe os mais adequados às vagas existentes na empresa.

A seleção é, ao mesmo tempo, uma comparação e uma escolha. E, para que possa ser científica, precisa estar baseada nas características que o cargo vago exige do seu futuro ocupante. É o que chamaremos de **exigências do cargo**. Assim o primeiro cuidado ao se fazer uma seleção é conhecer quais as exigências do cargo a ser preenchido. A seguir compara-se cada candidato com as exigências que o cargo requer e escolhe-se o candidato mais adequado para aquelas exigências.

A finalidade da seleção é escolher os candidatos mais adequados aos cargos da empresa. Nem sempre o candidato mais



adequado é aquele que possui as maiores qualificações. A adequação de um candidato a um determinado cargo requer as qualificações exatas, nem a mais, nem a menos. Um candidato com qualificações elevadas seria indicável para um cargo mais elevado, pois dificilmente se adaptaria a um cargo que pouco exigisse de seu conhecimento e que lhe pagasse menos do que realmente merece. A seleção de pessoal cumpre a sua finalidade quando coloca nos cargos existentes os ocupantes adequados à sua necessidade e que podem, na medida em que adquirem maiores conhecimentos e habilidades, ser promovidos para cargos mais elevados que exigem esses maiores conhecimentos e habilidades.

A INFLUÊNCIA DO RECRUTAMENTO E SELEÇÃO NA

PMGO

“Ato de recrutar, de arrolar voluntário para o serviço militar” é a concepção consagrada no léxico para o vocábulo **recrutamento**, que subentende a abrangência da seleção (escolha) no sentido difundido nos quartéis. O termo recrutamento em nosso meio conceitua também a fase de treinamento, de formação do policial militar.



No entendimento como ato de convocar voluntários para as fileiras da corporação, revela pressupostos que desfavorecem a Polícia Militar no seu intuito de contar nos seus quadros de pessoal com homens, cujo perfil seja ajustável perfeitamente ao do profissional idealizado para atuar nas frentes operacionais que garantem a segurança pública. Os voluntários, na sua grande maioria, são recrutados junto aos estratos menos favorecidos da sociedade, onde prevalecem níveis lastimáveis de miséria.

Isto não teria a menor importância, fossem os conscritos os melhores dentre os que nesse contexto se revelam. Na prática, a Polícia Militar em razão de oferecer como atrativo salários e condições de trabalho, geralmente aviltantes, pouco ou em quase nada sensibiliza essa população a ingressar em suas fileiras. Assim, os que se habilitam ao recrutamento e a seleção nem sempre possuem as melhores condições quanto aos atributos desejáveis a um policial militar.

Isto implica em admitir que o resultado final de um processo de recrutamento e seleção, venha redundar invariavelmente no aproveitamento dos menos piores, ao passo que o ideal seria o aproveitamento dos melhores entre bons candidatos.

Considerando esta incontestável realidade, pouco significa para o que pertine à avaliação psicológica, conhecer com precisão o



perfil requerido pela profissão PM, pois mantida como constante as variáveis ligadas aos atrativos da função oferecida (de alto risco e mal remunerada), esse atributos previsíveis numa análise ocupacional minudenciosa, carecem de importância como parâmetro a imposição de cortes, se considerarmos que os aprovados, em sua quase totalidade, apenas atendem o perfil parcialmente.

Portanto, a Polícia Militar é, de certa forma, forçada a receber em seus quadros de pessoal, concluso o processo de recrutamento e seleção, um homem, em tese, já defeituoso. O que autoriza afirmar que o novo integrante da corporação, independentemente de quaisquer outros fatores, pode ser potencialmente vulnerável a conduta desviante.

Do recrutamento compreendido como a fase de formação básica profissional do homem depende a modelação do caráter Policial Militar. Por desenvolver-se sob impacto de condutas pedagógicas anacrônicas e de uma situação de aprendizagem geradora de ansiedades, de abalos a auto-estima e até certo ponto ridicularizante, esse período se impõe como uma fonte de desajuste de caráter que podem implicar em danos irreparáveis a conduta do policial militar, no curso de sua carreira. Inspirada em muito nas práticas educativas herdadas do Exército Brasileiro, a formação do PM tem sido conduzida sem se desvencilhar de todo, de objetivos mais apropriados ao



preparo de um infante para a guerra convencional, onde a preparação física e a psicológica (principalmente esta) visam a um inimigo nacional qualquer a quem se deva destruir, espezinhar.

Na recepção ao aluno soldado já se percebe o descompasso entre o pretendido na grade curricular, seus objetivos e o praticado. Ao novo integrante, tanto os alunos veteranos quanto instrutores e monitores procuram de diferentes formas amedrontar, subestimar, com expressões tipo: “isso aqui é profissão para homens com H maiúsculo!!”. “Se a metade chegar ao fim do curso eu me dou por satisfeito”. “Aqui é onde o filho chora e a mãe não vê”, outros ditos alarmantes. Há, subjacentes nesse tipo de discurso, a intenção de supervalorizar o caráter militar, num processo de propaganda, dispensável como adereço ao conteúdo programado, cujo cumprimento de forma eficiente e efetiva basta à eficácia pretendida.

Há expressão “o peixe morre pela boca” ajusta-se à rejeição apresentada à informalidade desses juízos de valores inseridos no processo de formação, pois a realidade dos cursos, suas exigências, seus rigores naturais, seus desafios, se bem administrados, revestem-se de suficiência para transferir ao homem o senso e força e superioridade indispensável nos confrontos com as adversidades da profissão; o discurso criticado pode inviabilizar as chances do melhor resultado ou, até mesmo, destruí-los.



O mais grave de toda essa ambiência de formação, são os ataques à dignidade da pessoa do recruta. Bordões como “Recruta é a imagem do Cão”; “Cavalo de Tróia”; “Mentecapto” e uma série de outros, as vezes mais pejorativos, ridicularizantes e impublicáveis, chovem sobre a cabeça do instruendo, tomando força de verdade no psiquismo daqueles mais sensíveis. Há, é importante lembrar, os que não se abalam com essas tempestades, no entanto, o objetivo desta argumentação é justamente “radiografar” o percentual com desajuste de conduta, que muitas vezes começa a desagregar, nesse momento do seu histórico profissional; valendo ressaltar que a evidência representativa da Degradação Moral do todo é exatamente esse grupo de homens de caráter fragilizado, cuja as ações destrutivas enlameiam o nome da instituição, como a caracterizar a máxima “nenhuma corrente é mais forte do que seu elo mais fraco”.

Esta conduta pedagógica, que ignora a força das palavras, prodigaliza-se na exteriorização de juízos de valor de forma inoportuna, prejudica a ministração do conteúdo programático e a ênfase indispensável a sua importância. Não se pode, numa linha coerente de raciocínio conceber que, em meio a sobressaltos tão inopinados, com constantes depreciações a dignidade humana do recruta (burro! Inútil) o produto final do processo seja um patrulheiro forte, estável e capaz



de manter o seu equilíbrio emocional em quaisquer circunstâncias onde venha ser designado a agir; certamente que não.

Como está alinhado, se a preparação fosse para guerra convencional, que não é definitivamente a missão da Polícia Militar, não haveria muitos reparos a fazer, uma vez que ao inimigo na batalha é preciso destruir, humilhar, exterminar; ou o infante se faz drástico com o inimigo, ou o inimigo será impiedosamente drástico com ele. Mas na realidade da Segurança Pública, mesmo que no confronto com criminosos de alta periculosidade, o teatro de operações revele-se semelhante, a missão é outra: não é exterminá-lo, mas sim impedi-lo da prática do crime, contê-lo na sua compulsão criminosa, visando a, em última análise, segregá-lo para reeducar. É indeclinável considerar ainda que o comum, em toda carreira policial, são os confrontos com contraventores e infratores, cuja conduta não obstante o seu caráter anti-jurídico, requer uma abordagem permeada de um tratamento bastante diverso daquele que é dado ao criminoso, cuja reação pode vir a ser letal.

Uma formação que enalteça como necessário temer o superior, que premie a subserviência nessa relação, não conseguirá evidentemente forjar homens de caráter forte, destemidos, capazes de agir com independência e ponderação. Esse período de treinamento, ao contrário, acaba por produzir profissionais sem firmeza de caráter



que vêm na Corporação uma Entidade opressora que, por isso o autoriza a oprimir. Esta assertiva requer seja esclarecido que tudo isso ocorre mais a nível inconsciente. Assim a violência policial pode ser traduzida como um fenômeno um tanto imprevisível, incontrolável, em sua manifestação.

A escola por estes e outros fatores pode dividir com outras fontes a responsabilidade pela degradação moral e dos princípios éticos da Polícia Militar.



POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE GOIÁS
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR

PARTE

II

EFEITOS DA DEGRADAÇÃO MORAL

CAPÍTULO VI - STRESS

CAPÍTULO VII - ALCOOLISMO

CAPÍTULO VIII - VIOLÊNCIA POLICIAL



CAPÍTULO VI



POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE GOIÁS

ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR

STRESS

O homem moderno vive em uma sociedade complexa e conturbada, assim sendo, o Policial Militar inserido neste contexto, tem problemas e estes se tornam maiores em razão da sua atividade. As condições de trabalho muitas vezes adversas, constantes preocupações com a família e os meios para sua manutenção, a crise econômica em que vive o país, conseqüentemente os Estados dificultando a obtenção de um salário digno, são alguns elementos de uma longa lista que contribuem para o desgaste físico e mental do Policial Militar. As soluções para os diversos problemas não são imediatas, pois dependem de decisões e acontecimentos políticos, econômicos, sociais e culturais.

A sociedade exige do Policial Militar postura adequada, ação rápida e eficiente, sofrendo cotidianamente situações



desgastantes, minando a saúde, tornando-o agressivo, apático, cínico ou doente. Quantos Policiais Militares, no seu dia-a-dia não cometem ilícitos, deixam de atuar adequadamente, são punidos disciplinarmente e até excluídos da Corporação por estarem altamente estressados.

Quando a imagem da Polícia Militar é maculada, manchada, por militares que cometem alterações, e que são espertamente exploradas pela imprensa sensacionalista, muitas dessas alterações poderiam ser resultados de problemas emocionais que vão se acumulando e provocam o Stress e outros tipos de transtornos no Policial Militar.

Os administradores da Polícia Militar têm que começar a reconhecer a importância de tais situações estressantes e a parcela de responsabilidade que eles, como dirigentes, têm na preservação e manutenção da saúde, estabilidade e força produtiva de sua tropa. Com esta conscientização estaremos evitando um desgaste da Corporação e conseqüentemente colocando nas ruas um profissional em melhores condições psicológicas, diminuindo assim os prejuízos causados pelo Stress, tanto a nível individual como para a Polícia Militar.

Existe um acordo entre os pesquisadores que o Stress resulta de uma “sensação” de desequilíbrio entre o indivíduo e o meio social. A definição de Mc. Grath para Stress é um bom exemplo.



Stress é um desequilíbrio percebido entre as exigências sociais e a capacidade percebida de reação, sob condições nas quais o fracasso em atender a essas exigências tem conseqüências importantes.

O Stress Policial. PMRG, 1993.

A explicação para a definição é que, o Stress, ocorre somente quando o indivíduo percebe que as exigências sociais não podem ser adequadamente atendidas, sem esta percepção, o indivíduo não se sentiria ameaçado pela antecipação do fracasso e não experimentaria o Stress.

O Policial Militar está constantemente submetido a grandes pressões, quer no trabalho, onde deve cumprir a lei, por seus superiores, pela sociedade, pela imprensa e pela família, estas situações de Stress afetam a saúde, sua personalidade e/ou o seu desempenho profissional.

Os problemas físicos e emocionais apresentados por um profissional estressado, são de modo geral, pesadelos, insônia, temor, desejo de isolamento, medo, ansiedade, depressão, alienação, culpa, remorso, problemas com superiores, dificuldade no cumprimento de regras e normas, problemas familiares, sentimentos de insegurança,



perda do controle emocional, dificuldade sexuais, o uso abusivo de álcool ou drogas, suicídios.

SITUAÇÕES REAIS DE STRESS

Todos nós temos um limite na capacidade de suportar pressões, e que varia de pessoa para pessoa e no trabalho executado pela Polícia Militar, isto ocorre diariamente, no serviço operacional rotineiro, existem momentos em que os componentes de uma guarnição de Rádio Patrulha (RP), estão fazendo um ponto base (PB), tudo calmo, as horas não passam, quando, de maneira inesperada a guarnição é acionada a fazer uma averiguação de roubo a banco, os níveis de adrenalina sobem, o nível de tensão aumenta, aumenta o nível de vigilância e atenção, passam a estarem prontos para agir de maneira enérgica. Esta variação de extremos tem conseqüências danosas ao seu desempenho, eles não conseguiriam manter bons níveis de atuação por um longo período, e o custo será muito alto.

Com o aumento dos níveis de pressão há uma alteração no padrão de pensamento, conseqüentemente dificuldades em estabelecer prioridades, hesitação, visão estreita, raciocínio confuso e ilógico, diminuição da capacidade de concentração, planejamento e decisão. Todas essas mudanças são lentas e não acontecem da noite para o dia e muitas vezes passam despercebidas dos companheiros, superiores e amigos que convivem com estes profissionais.



Transferências de Unidade ou local de trabalho, causando conseqüentemente transtornos na vida particular, financeira e familiar.

Punições injustas e arbitrárias, aliadas à falta de diálogo e compreensão dos Comandantes.

Falta de uma política salarial, obrigando o Policial Militar a exercer outras atividades para complementar o salário.

Falta de melhores condições de trabalho, armamento e equipamento.

Todos estes fatores causadores de Stress deixam o Policial Militar com seqüelas emocionais, tais como: baixa auto-estima, sentimento de rejeição, excessiva timidez, complexo de inferioridade, inseguro em relação ao Comando, baixo grau de tolerância à frustração, agressividade, revolta, dificuldade em expressar-se verbalmente, refletindo tudo isso no serviço operacional, onde, de uma maneira ou de outra extravasa suas frustrações, mágoas e recalques sobre os cidadãos ou marginais que encontram durante atendimento de ocorrências.



CAPÍTULO VII



POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE GOIÁS

ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR

ALCOOLISMO

Da avaliação de todas as exigências elencadas como geradoras de desvios de conduta, destacam-se efeitos caracterizadores de um quadro de degradação que preocupa a Polícia Militar, afeta sua imagem de forma negativa e limita sua capacidade de inspirar confiança na opinião pública. E deixa, também, em relevo a permanente necessidade da adoção de medidas urgentes, visando a reversão da tendência ao agravamento, indispensáveis às reduzidas chances de preservação do prestígio da Instituição, como um dos principais pilares da segurança pública no país.

Uma conseqüência avassaladora é a incidência do vício do alcoolismo nos quadros da instituição. Em razão do Stress, calcado nas agressões e sobressaltos, com trânsito livre na caserna, uma das alternativas assumidas pelo policial militar um tanto pusilânime é a do



extravasamento de suas repressões e recalques entregando-se ao vício do álcool.

Incapaz de reagir de uma forma sadia e construtiva, o homem busca o amparo da bebida, para alavancar sua compulsão aos desatinos. Um bom número das ocorrências alarmantes, danosa ao bom nome da PM, encerram o envolvimento de policiais militares, sob o domínio do álcool. Além de crimes e outras variedades de atos anti-sociais, a postura inconveniente, própria daqueles que excedem na bebida, toma vultos assombrosos e enjoantes quando assumida pelo PM bêbado, fardado ou não.

Os efeitos do álcool ingerido de forma abusiva, além de se projetar perniciosamente sobre o conceito da Corporação, revelam-se na desventura de muitos já no estágio da dependência, sujeitos a internações e a invalidez para o trabalho e para a vida.

A corporação já está em estado de alerta quanto a tudo isso, havendo já esboçado reações de ajuda aos contumazes, através de programações pertinentes. Falta ainda aos bons propósitos dos Comandos o benefício de uma conduta sistemática no tratamento de questões delicadas como esta. Evocando à memória, o cenário do treinamento profissional, pode-se tributar o fenômeno das ocorrências de espancamento, agressões e mortes praticadas por PM, que



acumulam as manchetes dos jornais, a grande influência do tratamento, então, dispensado ao homem em formação.

É certo que estes efeitos não se restringem a uma causa única. Seria insano sustentar tal entendimento. O mal exemplo de superiores, os danos oriundos da ingerência nefasta da corporação no equilíbrio familiar, mormente, o cerceamento eventual do direito de ir e vir do homem, muitas vezes sob encarceramento (prisões, detenções) e outras causas registradas nos capítulos anteriores podem levar o PM a desvarios danosos.



CAPÍTULO VIII



POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE GOIÁS

ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR

VIOLÊNCIA POLICIAL

O policial militar é oriundo das mais diversas camadas e ambiente sociais, trazendo para dentro da Corporação valores pessoais diversos, adquiridos no convívio social e especialmente o familiar, tais diferenças afloram durante a convivência profissional na forma de comportamentos aéticos, a exemplo da omissão diante do dever, dos conflitos pessoais encerrados nas traições e perseguições, na promiscuidade, no abuso da coisa pública, no desamor a profissão, enfim, na indisciplina.

Na antigüidade, a Polícia era utilizada como força dos governantes e sua atuação, quase sempre, se pautava pela violência. Havia excessos de toda natureza e as classes desprivilegiadas sofriam horrores. Essa imagem distorcida vingou e muitos pensam ser a Polícia composta de homens cuja linha de ação se embasa na violência. Assim muitos que entram para a Corporação, já trazem



consigo o preconceito de que para ser policial militar é necessário ser violento.

Essa falsa idéia de policial super-homem, aliada a carga de desvalores que o indivíduo carrega em seu caráter, tem traduzido toda a sorte de problemas para Polícia Militar.

Tem crescido em todo o país os casos de violência praticados por policiais militares, amplamente explorados pela mídia, o que tem denegrido cada vez mais a imagem da Corporação.

PARTE

III

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS



POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE GOIÁS

ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

Foi aplicado um questionário aos policiais militares e ex-policiais militares, que cumprem pena, no 1º Batalhão de Polícia Militar (Batalhão Anhangüera), num total de 29 (vinte e nove) reeducandos, somente 22 (vinte e dois) responderam o questionário elaborado.

O objetivo da referida pesquisa, foi o de traçar um perfil econômico e psicossocial do profissional militar, que degrada-se moralmente, condenado pela Justiça Militar.



POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE GOIÁS
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR



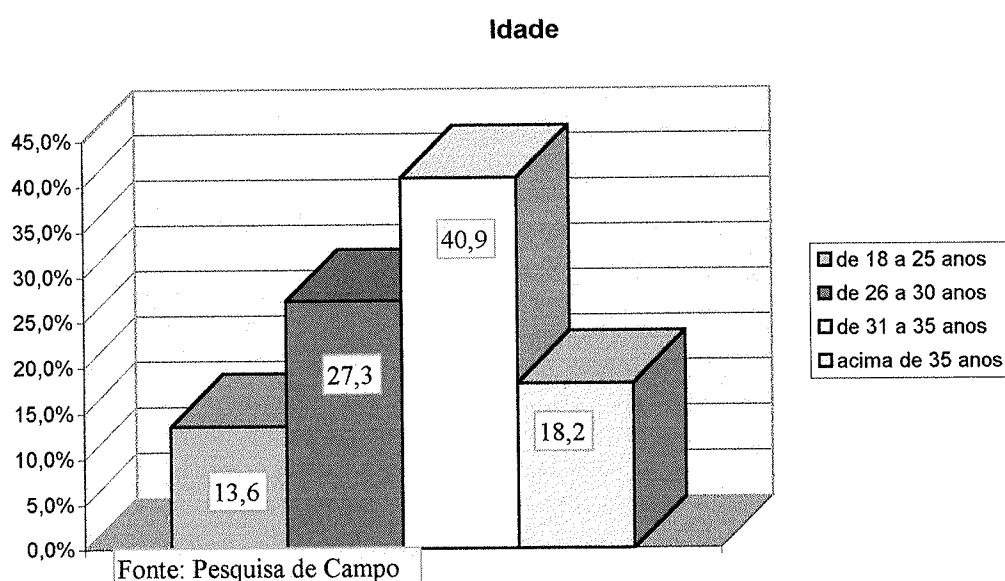
GRÁFICOS

QUESTÃO N.º 1

1) Sua idade:

TABELA N.º 1

Respostas	Frequência	%
de 18 a 25 anos	3	13,6
de 26 a 30 anos	6	27,3
de 31 a 35 anos	9	40,9
acima de 35 anos	4	18,2
Total	22	100,0



Quanto a 1ª questão percebe-se que 40,9% tem idade entre 31 e 35 anos; 27,3% está com idade entre 26 a 30 anos; 18,2% tem idade acima de 35 anos; e 13,6 com idade entre 18 a 25 anos.

Portanto a maioria está entre 31 a 35 anos e a minoria entre 18 a 25 anos.

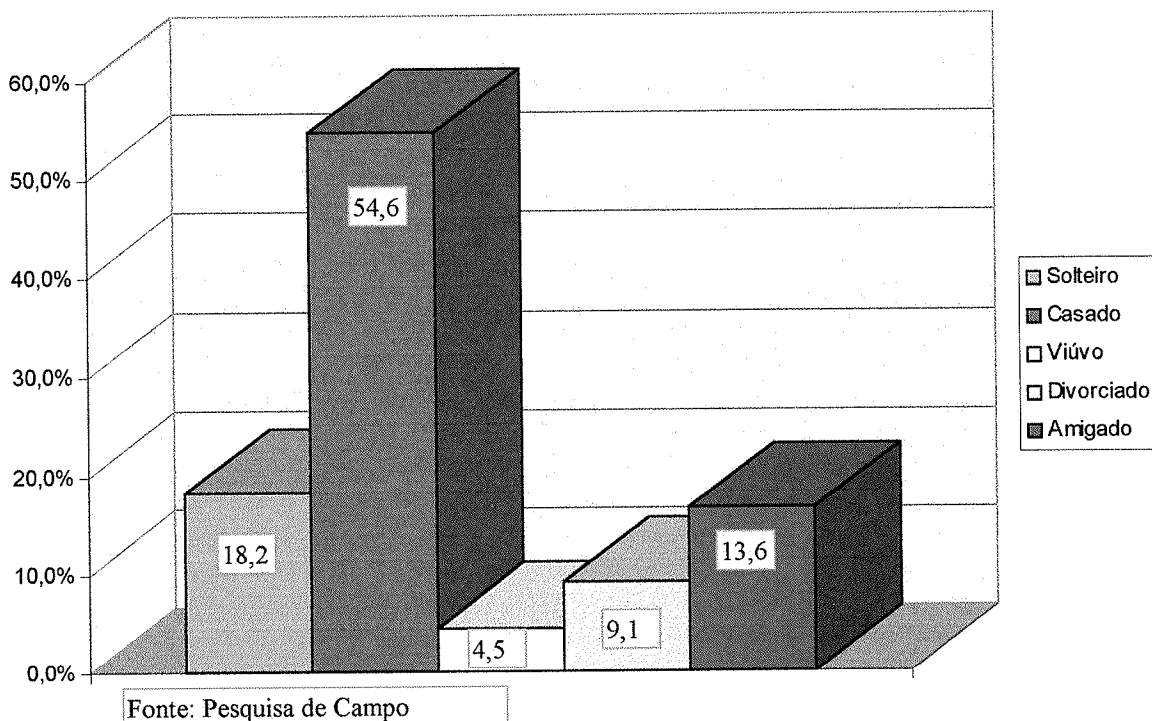
QUESTÃO Nº 2

2) Estado Civil

TABELA 2

Respostas	Freqüência	%
Solteiro	4	18,2
Casado	12	54,6
Viúvo	1	4,5
Divorciado	2	9,1
Amigado	3	13,6
Total	22	100

Estado civil



Quanto a segunda questão, observando o gráfico acima, percebe-se que 54,6% dos entrevistado são casados; 18,2% são solteiros; 13,6% amigados; 9,1% divorciado e apenas 4,5% viúvos.

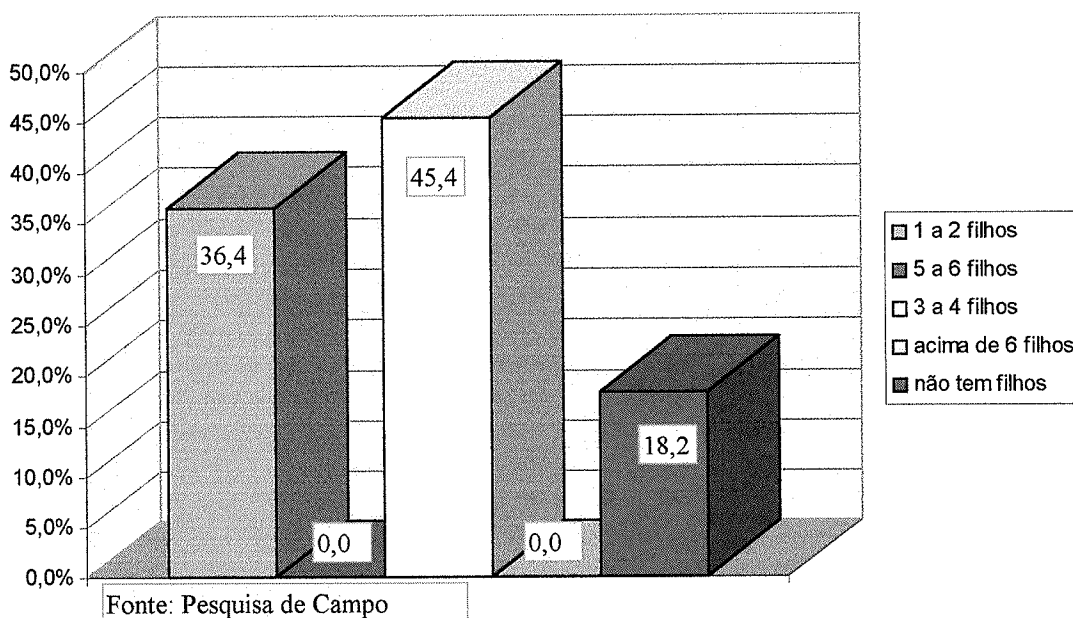
QUESTÃO Nº 3

3) Número de filhos:

TABELA 3

Respostas	Frequência	%
1 a 2 filhos	8	36,4
3 a 4 filhos	10	45,4
5 a 6 filhos	0	0,00
Acima de 6 filhos	0	0,00
Não tem filhos	4	18,2
Total	22	100

Número de filhos



Na 3ª questão, observamos que 45,4% do universo pesquisado possui de 3 a 4 filhos; 36,4% entre 1 e 2 filhos; 18,2% não tem filhos; e 00,0%, ou seja, nenhum dos entrevistados tem entre 5 e 6 filhos e acima de 6 filhos.

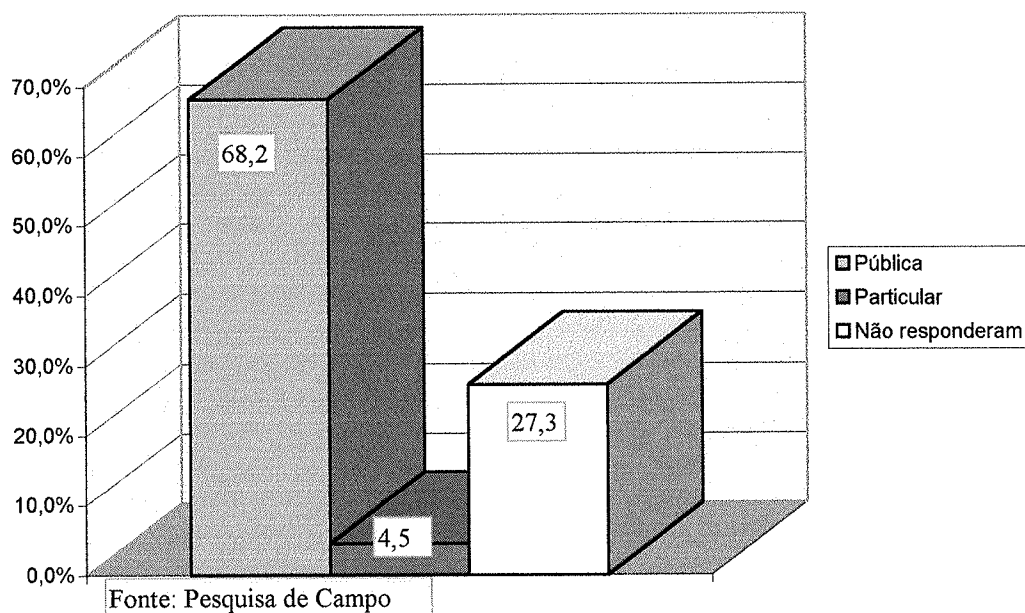
QUESTÃO Nº 4

4) Os filhos estudam em escola:

TABELA 4

Rspostas	Frequência	%
Pública	15	68,2
Particular	1	4,5
Não responderam	6	27,3
Total	22	100,0

Escola dos filhos



Na questão 4, 68,2% dos filhos, ou seja, a grande maioria, estuda em escola pública; apenas 4,5% estudam em escola particular. Um fato curioso é que 27,3% deixaram de responder.

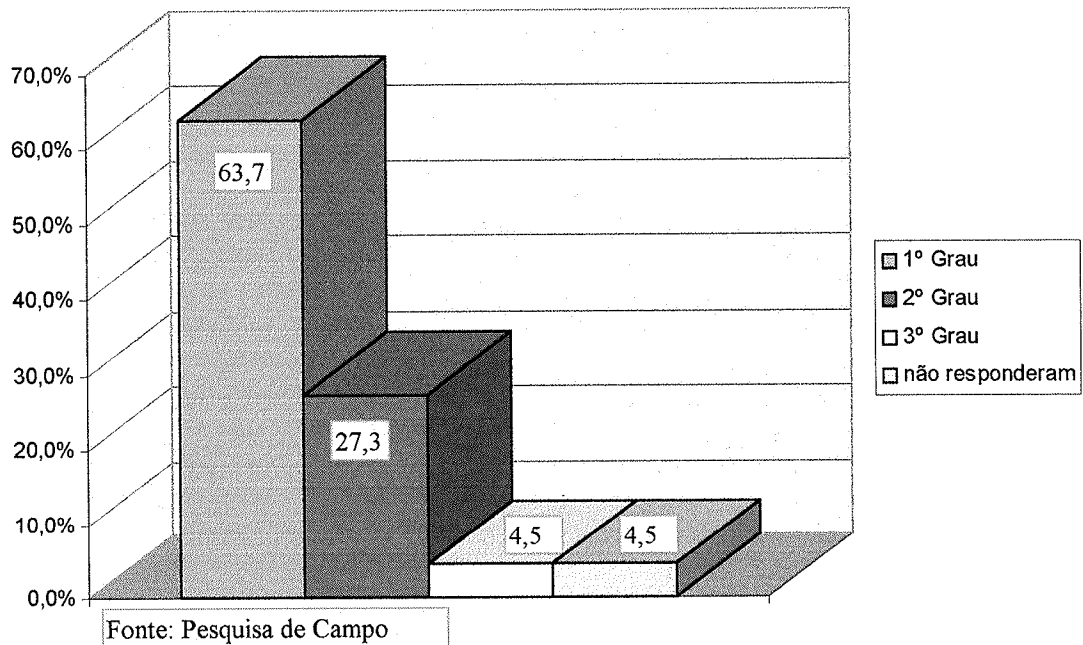
QUESTÃO Nº 5

5) Grau de instrução:

TABELA 5

Rspostas	Frequência	%
1º grau	14	63,7
2º grau	6	27,3
3º grau	1	4,5
Não Responderam	1	4,5
Total	22	100,0

Grau de instrução



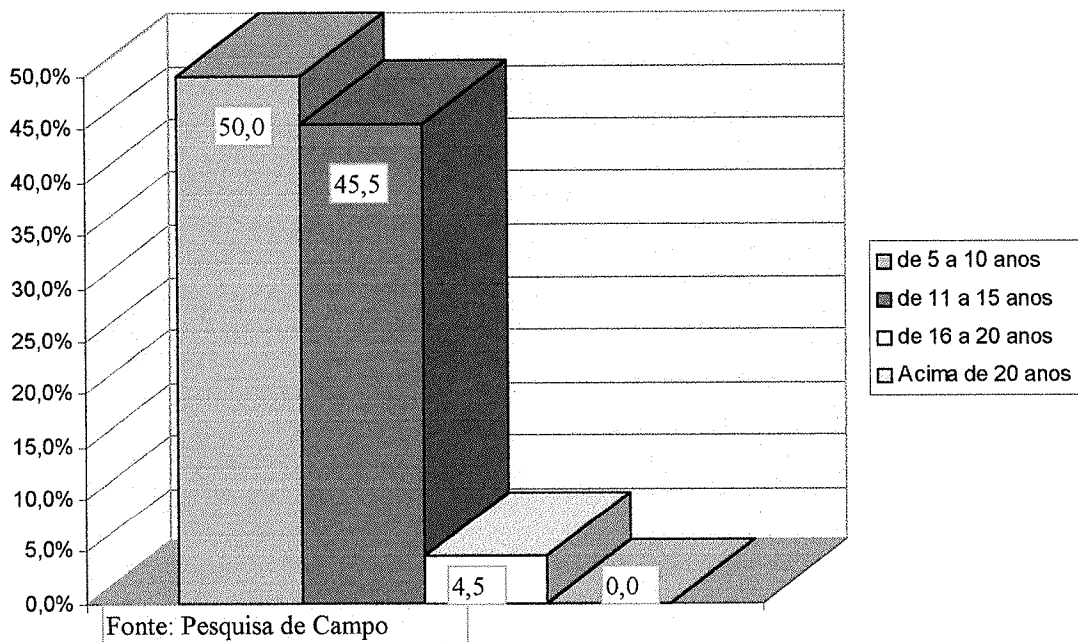
Quanto ao grau de instrução, 63,7% possui o 1º grau; 27,3% possui o 2º grau; 4,5% o 3º grau; e curiosamente 4,5% deixaram de responder.

QUESTÃO Nº 6

6) Tempo de Serviço na PMGO:

Rspostas	Freqüência	%
de 5 a 10 anos	11	50,0
de 11 a 15 anos	10	45,5
de 16 a 20 anos	1	4,5
Acima de 20 anos	0	0,0
Total	22	100,0

Tempo de serviço na PMGO



De acordo com a tabela, 50% dos pesquisados possuem de 5 a 10 anos de serviço na Polícia Militar; 45,5% de 11 a 15 anos; e apenas 4,5% de 16 a 20 anos de serviço.

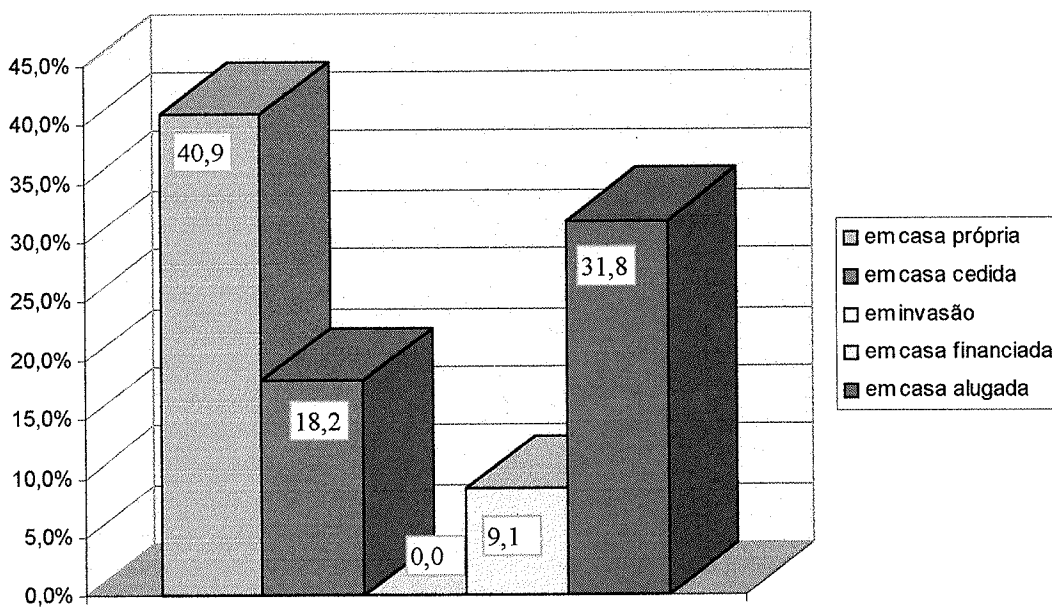
QUESTÃO Nº 7

7) Você reside:

TABELA 7

Respostas	Frequência	%
Em casa própria	9	40,9
Em casa cedida	4	18,2
Em casa financiada	2	9,1
Em casa alugada	7	31,8
Em invasão	0	0,0
Total	22	100,0

Você reside:



Fonte: Pesquisa de Campo

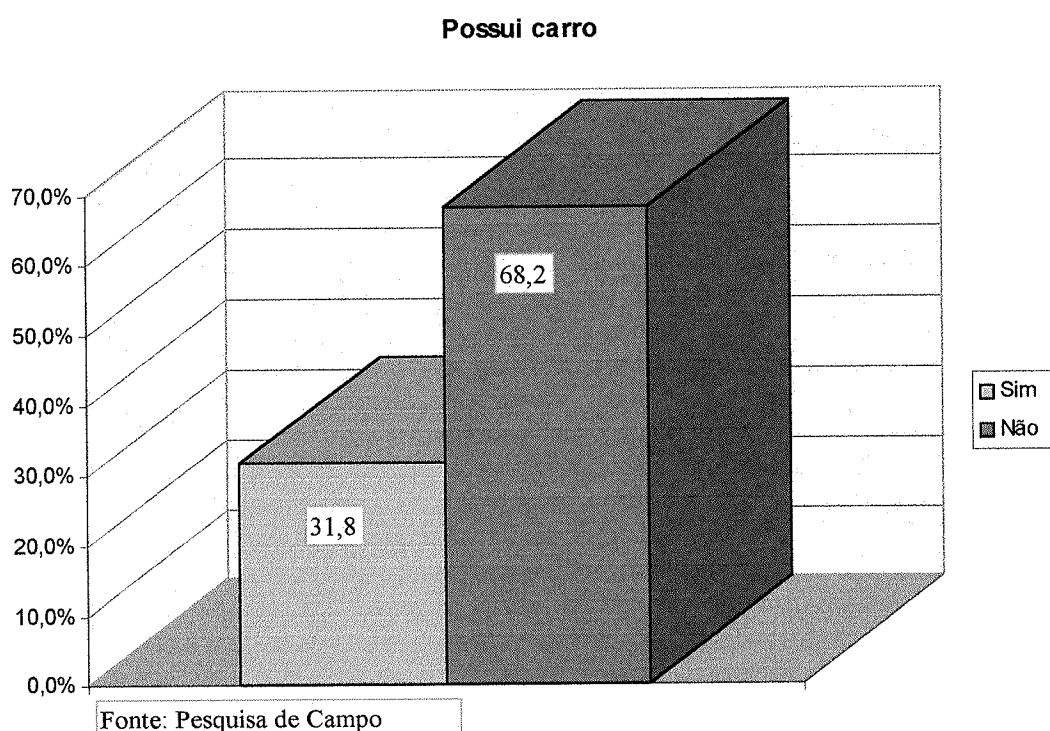
Na questão 7, percebe-se que 40,9% possui casa própria; 31,8% reside em casa alugada; 18,2% mora em casa cedida; 9,1% em casa financiada; e 0,0%, ou seja, nenhum dos entrevistados mora em invasão.

QUESTÃO Nº 8

8) Você possui Carro:

TABELA 8

Respostas	Frequência	%
Sim	7	31,8
Não	15	68,2
Total	22	100,0



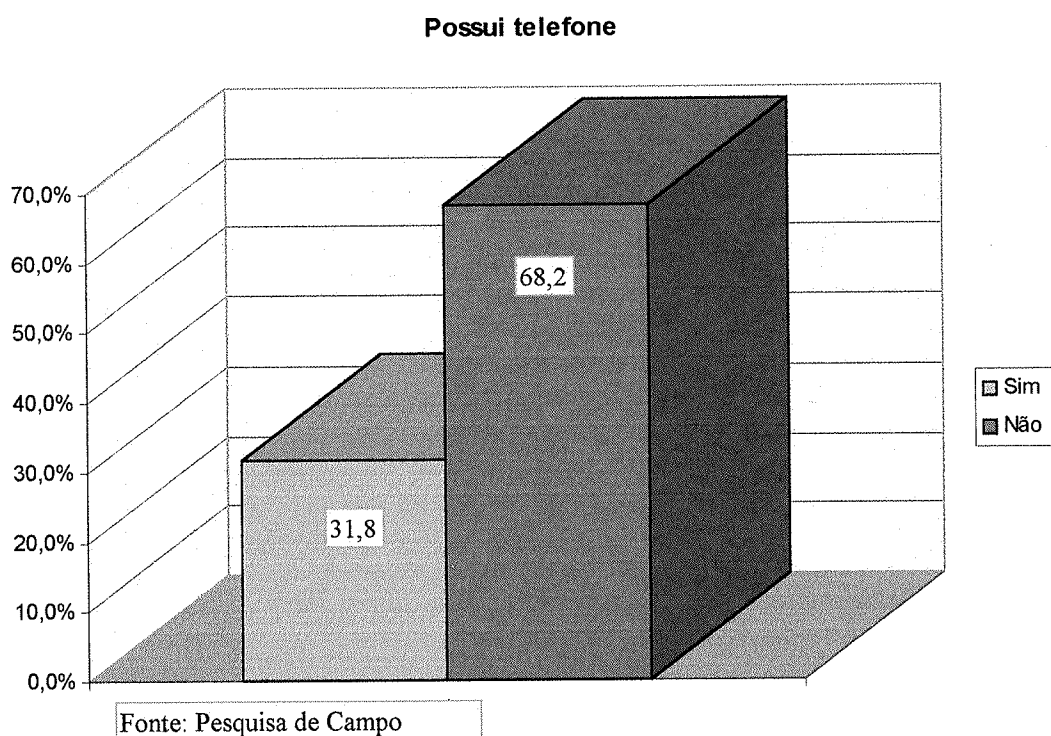
No universo entrevistado, 68,2% não possui carro; e 31,8% possui carro, o que é uma percentagem considerável.

QUESTÃO Nº 9

9) Você possui telefone:

TABELA 9

Respostas	Frequência	%
Sim	7	31,8
Não	15	68,2
Total	22	100



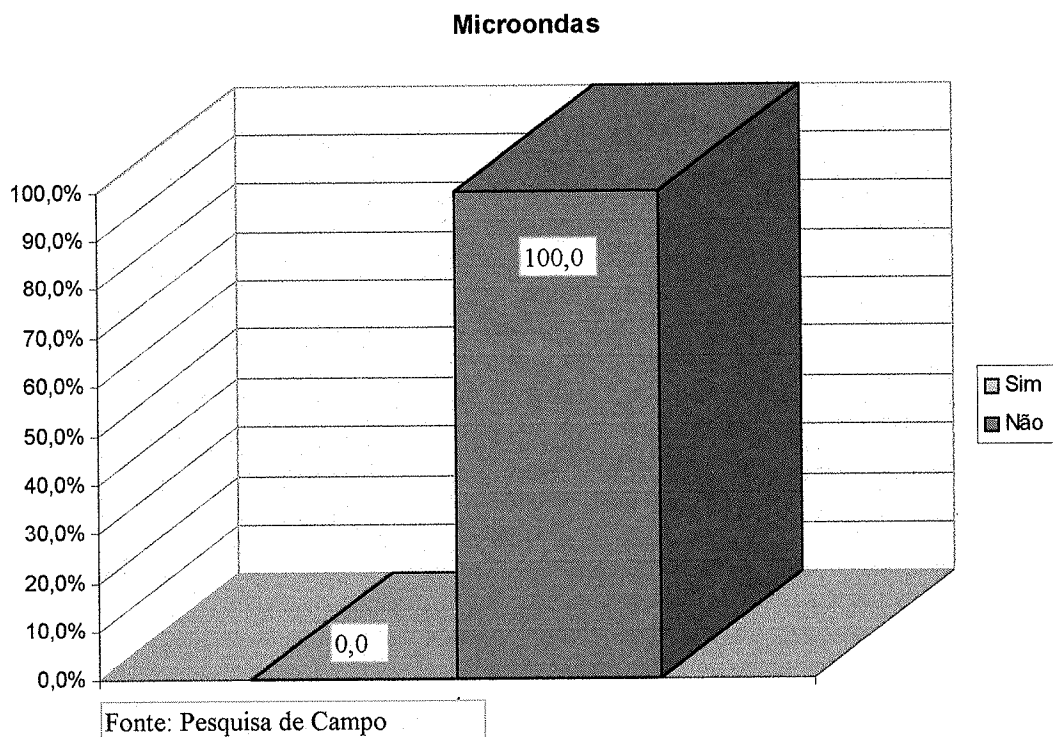
Neste item, percebe-se que 68,2% não possuem telefone; e 31,8% são os que possuem.

QUESTÃO Nº 10

10) Você possui forno microondas:

TABELA 10

Respostas	Frequência	%
Sim	0	0,0
Não	22	100,0
Total	22	100,0



Na décima questão, temos uma totalidade, ou seja, 100,0% dos entrevistado não possuem forno microondas.

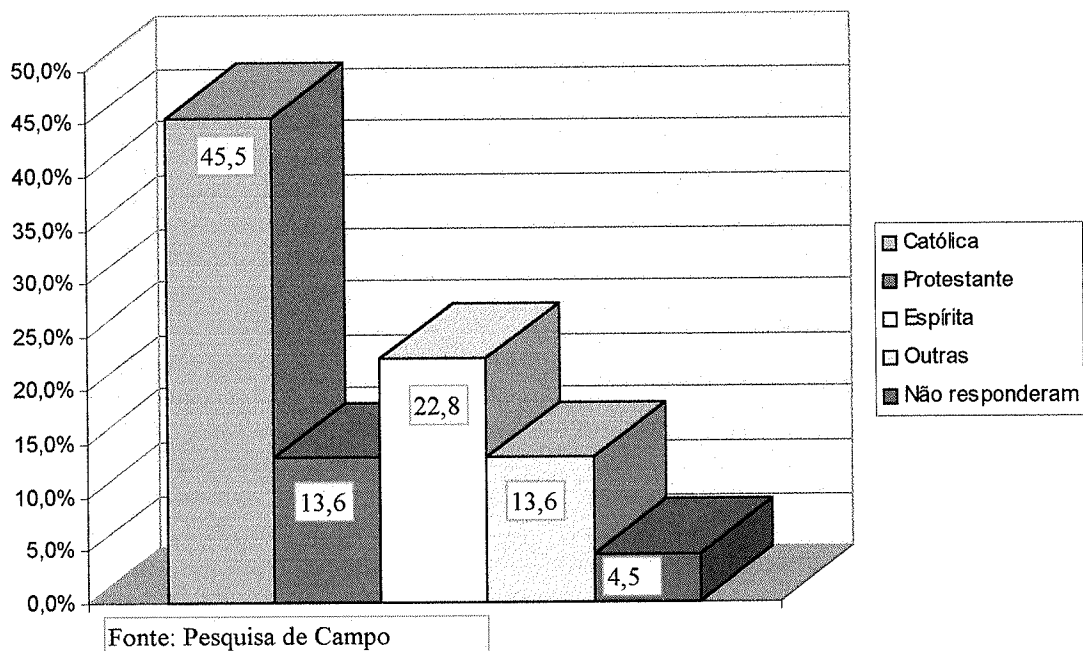
QUESTÃO Nº 11

11) Sua Religião:

TABELA 11

Respostas	Frequência	%
Católica	10	45,5
Protestante	3	13,6
Espírita	5	22,8
Outras	3	13,6
Não responderam	1	4,5
Total	22	100,0

Religião



Na questão 11, referente a religião, apresenta com 45,5%, portanto a grande maioria, como sendo católicos; 22,8% espíritas; 13,6% protestantes; 4,5% deixaram de responder; e 13,6% optaram por outras. Levando-se a crer que, neste item outros, estão incluídos aqueles que não possuem nenhum credo religioso.

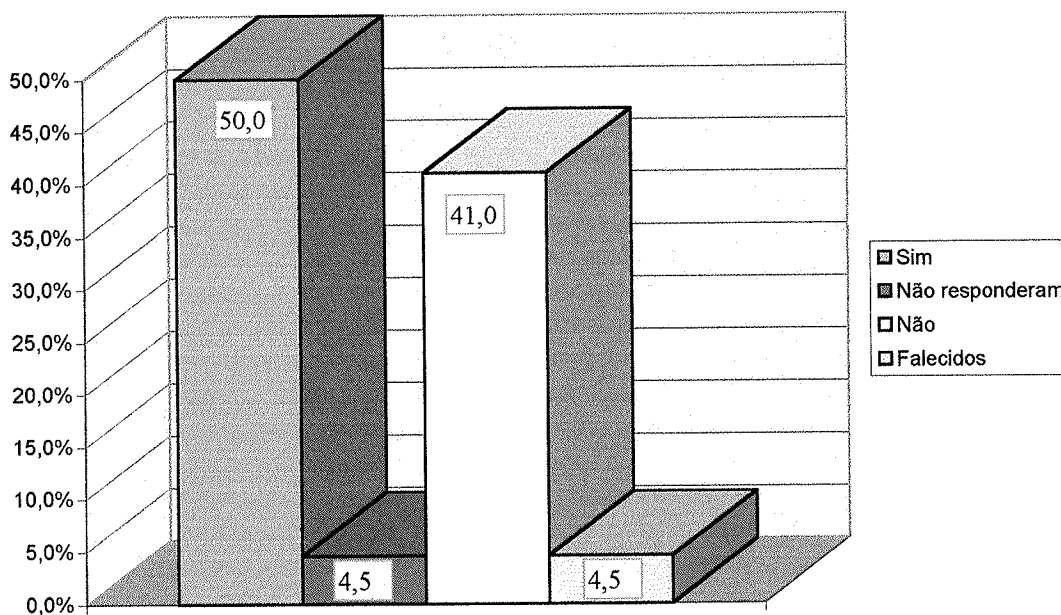
QUESTÃO Nº 12

12) Seu pai e sua mãe convivem juntos:

TABELA 12

Respostas	Frequência	%
Sim	11	50,0
Não	9	41,0
Não Responde	1	4,5
Falecidos	1	4,5
Total	22	100,0

Seus pais convivem juntos



Fonte: Pesquisa de Campo

Na questão 12, a convivência dos pais, 50,0% responderam que sim; 41,0% disseram não; enquanto que 4,5% tem os pais já falecidos.

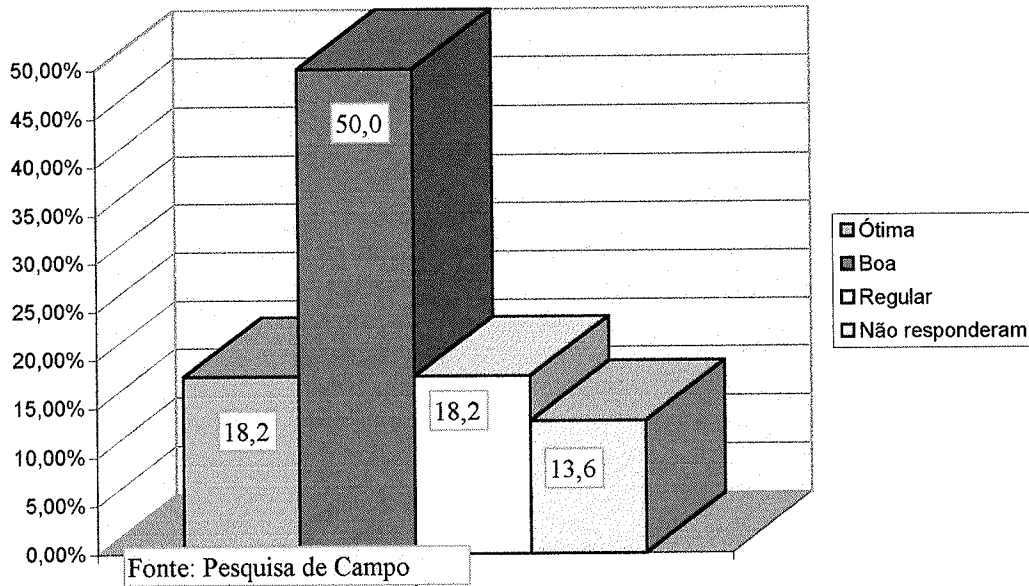
QUESTÃO Nº 13

13) A convivência entre seus pais é:

TABELA 13

Respostas	Frequência	%
Ótima	4	18,2
Boa	11	50,0
Regular	4	18,2
Não responderam	3	13,6
Total	22	100

Convivência entre seus pais



Na questão de nº 13, 50,0% dos entrevistados responderam que a convivência entre seus pais é boa; 18,2% disseram ser ótima; 18,2% regular; 13,6 regular.

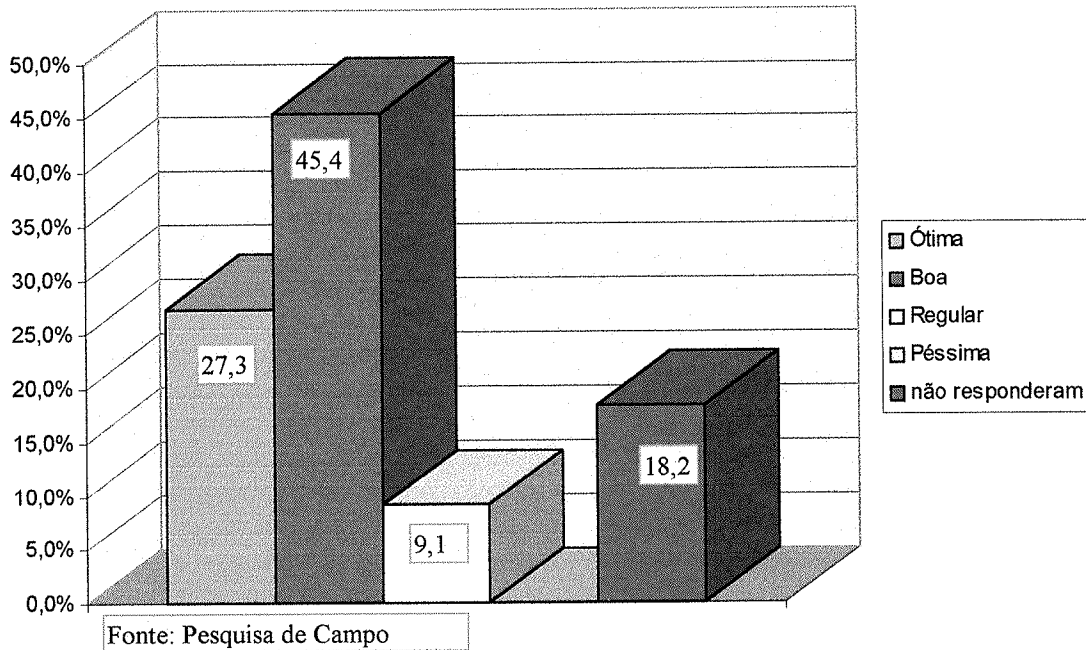
QUESTÃO Nº 14

14) A convivência com sua esposa é:

TABELA 14

Respostas	Frequência	%
Ótima	6	27,3
Boa	10	45,5
Regular	2	9,1
Péssima	0	0,0
Total	22	100,0

A convivência com a sua esposa é:



Na questão 14, sobre a convivência com a esposa, 45,4% dos entrevistados acham boa; 27,3% ótima; 9,1 regular; 18,2 % não responderam.

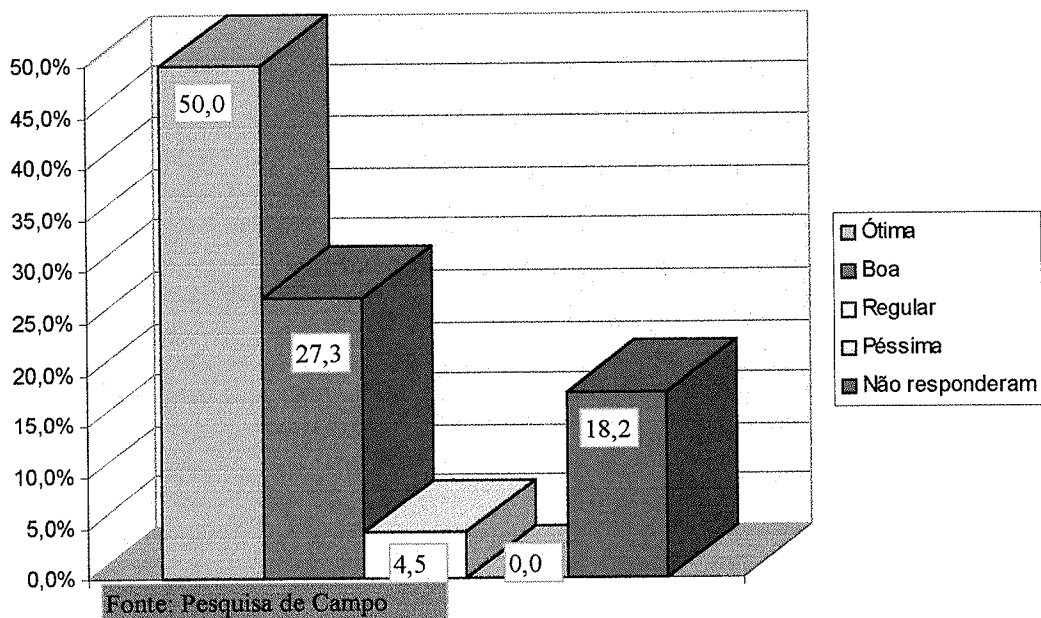
QUESTÃO Nº 15

15) A convivência com seus filhos é:

TABELA 15

Respostas	Freqüência	%
Ótima	11	50,0
Boa	6	27,3
Regular	1	4,5
Péssima	0	0,0
Não responderam	4	18,2
Total	22	100,0

Convivência com os filhos



Na questão 15, 50% caracterizou com ótima a convivência com os filhos; 27,3%, como boa; 4,5%, como regular; 18,2% deixaram de responder, o que nos chama atenção; e ninguém considera como péssima a convivência com os filhos.

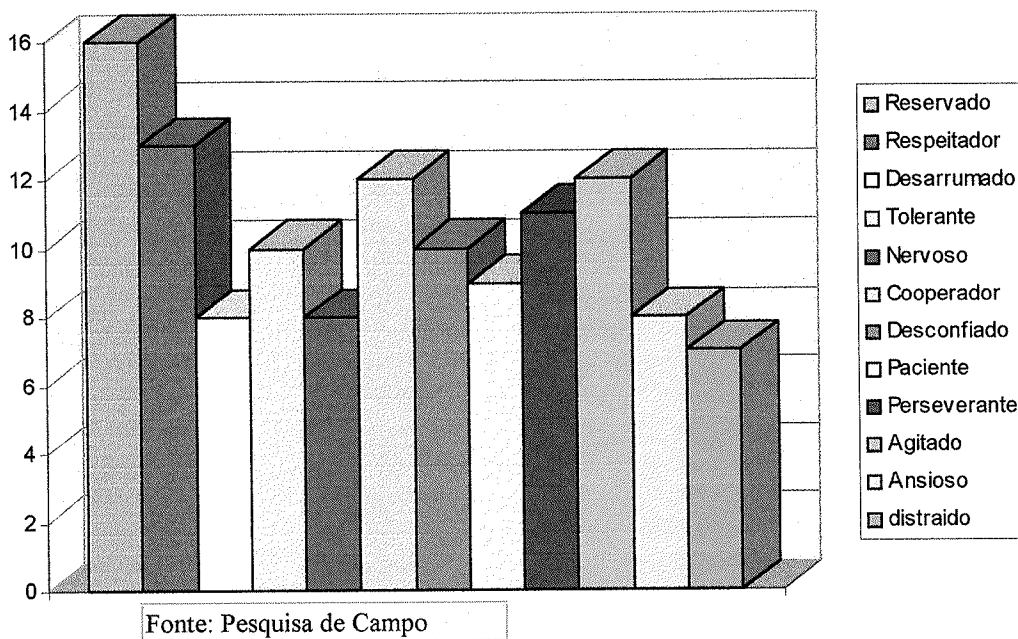
QUESTÃO Nº 16

16) Assinale com um *as* características que assemelham-se a você:

TABELA 16

Respostas	Frequência	%
Reservados	16	—
Respeitador	13	—
Agitados	12	—
Cooperador	12	—
Perseverante	11	—
Tolerante	10	—
Desconfiado	10	—
Paciente	9	—
Nervoso	8	—
Desarrumado	8	—
Ansioso	8	—
Ciumento	7	—
Distraído	7	—
Total	84	—

Características





Quanto a questão 16, foram oferecidas várias características para que optassem por aquelas que mais se assemelhavam-se às suas personalidades. Devido a questão ser de múltipla escolha, não totaliza 100%. Os resultados foram: reservado 16, respeitador 13, agitado 12, cooperador 12, perseverante 11, tolerante 10, desconfiado 10, paciente 9, nervoso 8, desarrumado 8, ansioso 8, ciumento 7 e distraído 7.

Analisando-se as questões supracitadas, percebe-se que a maioria dos policiais militares e/ou ex-policiais militares entrevistado, estão na faixa etária de 31 a 35 anos, onde acredita-se que, o ser humano já está com personalidade, onde exista uma melhor compreensão do mundo, uma educação e formação de hábitos e atitudes a respeito dos outros e do meio ambiente onde vive, não justificando, portanto, dessa forma, a maioria dos delitos estarem inseridos nessa faixa etária. Como também o fato, da maioria deles possuírem família e casa própria, ou seja, estão, de certa forma, estabilizados na vida. Nota-se pela observação na tabela nº 5, que o grau de instrução dos PMs, na sua maioria é apenas o 1º grau, justificando-se, também que o nível de formação pode levar à degradação da moral. Os filhos da maioria dos entrevistados estudam em escola pública. Percebe-se, também que a maioria não possui bens como: carro, telefone, forno microondas e leva-nos a crer que o poder aquisitivo pode influenciar nesta questão, objeto deste estudo, portanto, como se vê, são vários os fatores que poderão influenciar o policial militar a degradar-se.

PARTE

IV

CONCLUSÃO

POSSÍVEIS SOLUÇÕES



CONSIDERAÇÕES ANALÍTICAS

Numa visão resumida, vale acrescentar como conseqüência dessa metodologia de gerenciamento administrativo defeituoso uma vasta variedade de desvios de conduta que ganham as manchetes de jornais envolvendo seus integrantes. A evidência desse processo de degeneração, propicia ao governo argumentos para negar com o apoio velado da população insatisfeita. As batalhas que se travam ^{em} a nível de congresso, visando ao enfraquecimento da PM no conjunto das instituições, tomam força e prenunciam um desfecho favorável aos inimigos de nossas tradições, que já debilitaram a autonomia, ou melhor a competência da justiça militar e alçam vôos bem mais ambiciosos no propósito de até mesmo varrer-nos da história. Agem como preconiza um pensador russo, “entram em nosso jardim, roubam um flor e não dizemos nada; matam o nosso cachorro e não dizemos nada; arrombam a nossa porta e não dizemos nada; roubam a nossa mulher e não dizemos nada; cortam a nossa língua e não dizemos nada, porque já não temos como dizer nada”.

Está se tornando cada vez mais cômoda a posição de nossos detratores, porque a medida em que se acumulam atos e fatos atentatórios a honra da instituição, menos indispensável se evidencia o seu papel de promotora da segurança pública. Também o governo tem se aproveitado desse conceito em decadência, para subjugar esta



Entidade de tradições valorosas , até mesmo no concerto da defesa de nossas fronteiras, numa situação de múltiplas carências de condições de trabalho, e necessidades de sobrevivência de seus quadros. Assumindo, em tese, com sua omissão, parte da responsabilidade pela extinção das Polícias Militares, que já não parece tão impossível, age o governo, como que parafraseasse Thomas Morus, em sua Utopia “o rei cria os criminosos para depois levá-los ao cadafalso”; em outras palavras, o governo abandona a instituição a sua própria sorte, sugando dela energias que não emprestou, e passa a apoiar a sua dissolução na condição de vítima de sua própria criatura.

Muitos efeitos se distanciam do alcance de nossa observação, mas está claro que se não temos como reverter a posição daqueles que condenam os nossos atos e se aproveitam deles para minar as chances de reação da Polícia Militar, resta-nos reconhecer onde chegamos; conscientizar-nos do que está realmente acontecendo e deflagrarmos ações prontas e imediatas contra toda a conspiração detectada em forma de tratamento intensivo da saúde organizacional, com proveito de todo diagnóstico conhecido. A alegação de mal gerenciamento decorre, como já se destacou anteriormente, da inadequação na observância de direitos e obrigações do policial militar, de falhas pedagógicas na formação e da atuação gerencial divorciada dos fundamentos da Escola das Relações Humanas.



Mas o que importa ressaltar neste capítulo são as conseqüências de todas essas distorções no conceito da Polícia Militar junto as comunidades alcançadas pelos seus préstimos. A confiança que a presença ostensiva do policial militar deve inspirar está desgastada. Hoje, um cidadão em apuros, as vezes prefere render-se ao seu agressor a se valer da ajuda do policial militar, assim como já ocorre com a Polícia Judiciária, no tocante ao descrédito da importância de se registrar uma ocorrência.

O sentimento de proteção apregoado aos quatro ventos, no entendimento do público tem se tornado uma ficção. A corporação já tão relegada a um segundo plano, dentro das prioridades do Estado vê ainda mais prejudicada a sua capacidade de reivindicar, a cada ocorrência desastrosa para o conceito da Instituição.

CONCLUSÃO

Todos os óbices que afloraram das pesquisas, das constatações e de um conjunto de fatos e fatores, público e notoriamente conhecidos da cadeia de comando até os seus menores segmentos, reclama por restaurações urgentes. Registradas nas linhas deste trabalho, como alerta, estas dificuldade, estes desafios emergentes da realidade Policial Militar, numa análise rápida, são decorrências de uma conjuntura em convulsão e que, por isso poderia



indicar o comodismo do “Laissez-faire”: o fenômeno deve seguir livremente o seu curso, sem gerar aflições, porque é a própria sociedade que está doente, nos estertores da morte, portanto não há solução.

Adotar, no entanto, uma atitude claramente suicida, não responderia aos anseios de uma administração ciosa por, ao menos minimizar os reflexos desses desarranjos na qualidade dos serviços prestados pela PM, com vistas a reduzir a insatisfação da clientela, e restaurar a boa imagem da instituição.

A ação saneadora reclamada começa por exigir mudanças na conduta do ensino, mormente, na fase de treinamento, de formação do policial militar. Não se pode esperar nenhum avanço no propósito de revitalização de nossos quadros, sem que as praxes pedagógicas criticadas sejam banidas do ambiente de formação. O caráter do policial militar não se fortalece através de uma metodologia que insiste em depreciar a dignidade do homem, que, em fase de auto-afirmação, no curso do seu desenvolvimento como pessoa, torna-se forçado a se tornar subserviente, escravo de seus superiores.

O homem deve ser testado e de forma intensa, na fase de treinamento, no seu potencial para agir com destemor face a obstáculos desafiadores, submetendo-se a exercícios bem elaborados e programados, onde os grandes trunfos pedagógicos sejam tão somente as possibilidades de um fracasso ou do prazer do êxito.



A preparação do policial no Estados Unidos conforme divulgam noticiários, reportagens e filmes, prioriza como preocupação fundamental a de colocar o instruendo em constante enfrentamento de obstáculos e desafios. Em outras palavras submete-o a testes de suas forças interiores e do seu potencial físico. O ingrediente de frustração usualmente inserido neste processo está mais ligado a própria conseqüência de um possível fracasso em suas tentativas, do que na emissão irrefletida de juízos pejorativos e desalentadores quanto ao desempenho do aluno, por parte de seus superiores, que toma lugar comum na realidade do ensino nas Polícia Militares do Brasil.

No contexto das relações interpessoais, o extravasamento do humor colérico de um superior sobre o seu subordinado, numa espécie de reação em cascata, implica num repassar aflitivo da descompostura pelos degraus da hierarquia até alcançar o soldado PM, que por sua vez não tem a quem repassar. Isto deve ser objeto de séria preocupação e requer uma política de distensão nestas relações, pois o represamento das frustrações e de não ter a quem repassar, invariavelmente revela-se, em nível consciente, em agressões à própria família e aos cidadãos quando, abordados pelo policial militar.

O que se percebe de tudo o que foi colocado, ao longo deste trabalho, é que existe um represamento de frustrações, insatisfações, recalques, de tratamentos indevidos, de baixos salários,



status social prejudicado, que pode a qualquer momento ser extravasado contra a população.

É preciso mudar o tratamento, respeitar mais o policial militar como pessoa humana, criando um ambiente de trabalho menos tenso e estressante. Implantar uma nova mentalidade nas escolas de formação, onde o que deva ser ressaltado, seja colocado em prática; a coesão, a harmonia, a camaradagem, a amizade, enfim todos os sentimentos que enaltecem o homem como ser social.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. **Psicologia, Introdução aos Princípios Básicos do Comportamento.** Rio de Janeiro: Ed. ?

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Sociologia, Introdução à Ciência da Sociedade.** Ed. Moderna: São Paulo, 1992.

D'ANDREA, Flávio Fortes. **Desenvolvimento da Personalidade.** São Paulo: Ed. Difusão Editorial S/A, 1986.

FERREIRA, Avilmar Santos. **Coletânea de Leis da Polícia Militar do Estado de Goiás.** Goiânia: Ed. Mérito, 1994.

FRANCO, Paulo César. **Deontologia Policial Militar: Consolidação curricular nos Cursos de Formação e Aperfeiçoamento.** São Paulo: Centro de Aperfeiçoamento e Estudos Superiores, 1996.

FREITAS, Orlando Antonio de. **Conduta de Policiais Militares que prejudicam a imagem da Instituição: gênese e antecedentes.** Belo Horizonte: Academia de Polícia Militar de Minas Gerais, 1995.



GALACHE, Gabriel. **Síntese de Doutrina Social**. São Paulo: Ed.

Loiola, 1963.

GOIÁS. **Regulamento Disciplinar da Polícia Militar do Estado de Goiás**. Goiânia: Ed. Grafopel, 1996.

Justiça de Rubiataba condena PMs por Abuso de autoridade. **Jornal o Popular**. P. 7, Goiânia, 19 abr. 1997.

Juventude Violenta. **Jornal o Popular**. P. 7, Goiânia, 27 abr. 1997.

LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia Geral**. São Paulo : Ed. Atlas, 1989.

LANE, Silvia T. Maurer. **O que é Psicologia Social**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

LEITE, Dante Moreira. **Tópicos de Psicologia Social, a Psicologia do intercâmbio de Comportamento**. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1973.

Matador Criado. **Revista Veja**, nº 14. Ed. Abril.



MORGAN, Clifford T. **Introdução à Psicologia**. São Paulo: Ed.

McGraw-Hill, 1977.

NICOLAU, Álvaro Antonio. **Desvio de conduta de militares: Fatores e reflexos na Polícia Militar de Minas Gerais**. Belo Horizonte:

Academia de Polícia Militar de Minas Gerais, 1993.

Perigosa Intimidade com a Violência. **Jornal o Popular**. P. 6-B,

Goiânia, 18 mai. 1997.

RODRIGUES, Raquel Lisboa e QUEIROZ, Luiz Otávio de Seixas.

Personalidade, Uma análise do Comportamento. São Paulo: Ed.

Universidade de São Paulo, 1972.

Stress Policial. **Revista Especial da Polícia Militar do Rio de**

Janeiro. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Portinho Cavalcanti Ltda.,

1993.

Violência Policial já gerou mais de 300 inquéritos em 97. **Jornal o**

Popular, p. 11-B, Goiânia, 06 abr. 1997



POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE GOIÁS
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR

111

Violência Juvenil. Jornal **o Popular**. P. 8, Goiânia, 27 abr. 1997.



ANEXO



QUESTIONÁRIO - C A 0/97

Visando coletar dados para elaboração de um trabalho científico, solicitamos a vossa sincera colaboração, respondendo o presente instrumento, que muito será útil na realização do citado trabalho.

1) Sua idade:

- de 18 a 25 anos de 26 a 30 anos de 31 a 35 anos
 acima de 35 anos

2) Estado civil:

- solteiro casado viúvo
 divorciado amigado

3) Número de filhos:

- 1 a 2 filhos 3 a 4 filhos 5 a 6 filhos
 acima de 6 não tem filhos

4) Os filhos estudam em escola:

- pública particular

5) Grau de instrução:

- 1º grau 2º grau 3º grau

6) Tempo de serviço na PMGO:

- de 5 a 10 anos de 11 a 15 anos de 16 a 20 anos
 acima de 20 anos

7) Você reside:

- em casa própria em casa cedida em invasão
 em casa financiada em casa alugada

8) Você possui carro:

- sim não

9) Você possui telefone:

- sim não

10) Você possui forno microondas:

- sim não



11) Sua religião:

- católica protestante espírita
 outras

12) Seu pai e sua mãe convivem juntos:

- sim não 04,5%

13) A convivência entre seus pais é:

- ótima boa regular
 péssima

14) A convivência com a sua esposa é:

- ótima boa regular
 péssima

15) A convivência com seus filhos é:

- ótima boa regular
 péssima

16) Assinale com um "x" as características que assemelham-se com você:

- | | | |
|--------------------------------------|--------------------------------------|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> indeciso | <input type="checkbox"/> negativista | <input type="checkbox"/> paciente |
| <input type="checkbox"/> cooperador | <input type="checkbox"/> infeliz | <input type="checkbox"/> talentoso |
| <input type="checkbox"/> combativo | <input type="checkbox"/> pessimista | <input type="checkbox"/> desarrumado |
| <input type="checkbox"/> ciumento | <input type="checkbox"/> tolerante | <input type="checkbox"/> impossível |
| <input type="checkbox"/> distraído | <input type="checkbox"/> reservado | <input type="checkbox"/> alegre |
| <input type="checkbox"/> esforçado | <input type="checkbox"/> antipático | <input type="checkbox"/> atencioso |
| <input type="checkbox"/> agitado | <input type="checkbox"/> pontual | <input type="checkbox"/> vagaroso |
| <input type="checkbox"/> desconfiado | <input type="checkbox"/> agressivo | <input type="checkbox"/> mal-humorado |
| <input type="checkbox"/> irritável | <input type="checkbox"/> ansioso | <input type="checkbox"/> organizado |
| <input type="checkbox"/> deprimido | <input type="checkbox"/> crítico | <input type="checkbox"/> nervoso |
| <input type="checkbox"/> ativo | <input type="checkbox"/> submisso | <input type="checkbox"/> respeitador |
| <input type="checkbox"/> sensível | <input type="checkbox"/> acomodado | <input type="checkbox"/> perseverante |